INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. XVD00296

Laudo Antropológico

Eugênio Gervásio Wenzel, Perito nomeado por honrosa designação do MM. Juiz Federal da Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso, 2ª Vara, na Ação Ordinária nº **00.2797-9**, que **Joseph Bavdaz e Outro** movem contra a **UNIÃO** e a **FUNAI** vem apresentar o laudo resultante de seus trabalhos periciais.

Observa que no texto, as palavras ou expressões em itálico, além da formulação dos quesitos, correspondem a expressões dos Xavante. Os termos em língua Xavante anotados nos depoimentos, foram submetidos à correção dos monitores Xavante.

Observa ainda que o laudo contem os anexos:
Anexo 01 - Lopes da Silva: "História Xavante".
Anexo 02 - Croqui, plotando a área sub-judice na Área Indígena Parabubure.
Anexo 03 - "Relação de Aldeias por Postos Indígenas".

Acervo ISA

A. Quesitos do M.P.F. Procuradoria da República em Mato Grosso.

1) Podem o Sr. Perito e os Srs. Assistentes Técnicos informar se a área é tradicionalmente habitat indígena etno-historicamente constituído?

A Area Indígena Parabubure é parte do habitat tradicional dos Xavante, constituído etnohistoricamente.

Os Xavante são uma subdivisão da grande nação Akwén (Xavante e Xerente), cujo habitat anterior era o atual Estado de Tocantins entre os rios Tocantins e Araguaia, meridianos 48º e 51º, paralelos 12º e 16º.

Durante o segundo quartel do século XIX (1825 a 1850), forçados por vários motivos, entre eles terem sido vítimas de fazendeiros que tentavam escravizá-los e, de missionários católicos que desejavam catequizá-los, houve uma cisão no enorme grupo dos Akwén[1]. Conforme Baptista (1981), uma metade, que passou a ser conhecida como Xavante, ultrapassou o rio Tocantins e o Araguaia e, caminhando em direção à oeste, atingiu o rio da Mortes fundando, à margem direita, a aldeia São Domingos, em seguida fixou-se definitivamente à margem esquerda do mesmo rio, constituindo a aldeia Pimentel Barbosa. Desta aldeia difundiram-se por terras mato-grossenses ocupando a região compreendida: **a leste pelo baixo Rio das Mortes; ao norte pelos contrafortes da Serra do Roncador; a oeste pelos Rios Ronuro e Batovi, formadores do Xingu; e ao sul pelo médio Rio das Mortes. Essa ocupação deu-se paulatinamente, mediante o recuo de outras nações indígenas, que cederam seu habitat para os Xavante, com os quais mantiveram vizinhança territorial.**

Conforme Ravagnani:

> "O habitat Xavante em terras mato-grossenses apresentava como limite sul o rio das Mortes que os separava do território **Bororo** (gn), de quem eram inimigos ferrenhos, a leste o rio Araguaia apartava-os do mundo civilizado e mais a nordeste dos índios **Karajá** (gn), outra tribo inimiga; ao norte limitava-se com o rio **Tapirapé** (gn), habitado pelos índios homônimos, único grupo com os quais os Xavante parecem não ter tido conflitos e a oeste a serra do Roncador isolava-os dos habitantes da região dos formadores do Xingu (Vários autores

[1] "These tribes have, so far as we know, occupied their present habitat longer than any of the other indigenous peoples of Brazil (Mason 1950:288). They have lived and aparently thrived on the savannahs of the high Central Brazilian plateau where they have, to a remarkable extent, conserved their own traditions and way of life right down to the present day" (Maybury-Lewis, 1965/66:263). "Certain ethnographic problems remain to be elucidated however before a comparative study of the Gê may properly be undertaken. The historical relationship between the Shavante and the Sherente is one of these. I have else where (Maybury-Lewis 1965) analysed the historical sources in an attempt to discover whether these two tribes were ever a single people. It is certain that they occupied either a common territory or adjoining territories in northern Goiás during the eighteenth century and it is of crucial significance for Gê studies to determine why the Shavante moved to their present location in Mato Grosso and, if possible, when" (Maybury-Lewis, 1965/66:264).

localizam os limites do território Xavante nesta área: Baldus (1948:157; 1938:238); Ariaga (1943:107); Malcher (1964); Aureli (1966:102); Cunha (1969:26); Giaccaria & Heide (1972: 36); Fonseca (s.d. 24-25); Aureli (s.d. 91); Bandeira Anhanguera (1938:191-2); Silva (1935 (b):223)" (Ravagnani 1991: 73 e 124).

Outro autor confirma que os Xavante ocuparam essa região, expulsando outras grupos indígenas.

"A ocupação pelos Xavante da região do rio das Mortes e da Serra do Roncador, os faz entrar em lutas com outros grupos tribais, com a conseqüente expulsão desta área, dos **Trumai** e **Bororo** (gn) (Lombardi 5)" (Pereira Neto, 1984:2).

Quanto ao século XX, as notícias a respeito dos Xavante referem-se a ataques a seringueiros, a missionários e a outros grupos indígenas que adentravam seu território, situado na Serra do Roncador, entre os rios Coluene, afluente do rio Xingu e Rio das Mortes, afluente do Araguaia, na zona norte-oriental do Planalto do Brasil Central (Cf. Giaccaria, 1972:36).

Em 1922, os Xavante ocupavam as duas margens do Rio das Mortes, sendo registrados vários ataques a seringueiros e missionários que tentavam pacificá-los. Como marco desta ocasião temos a morte de dois padres salesianos que, ao subirem o Rio das Mortes, para contatar os Xavante, foram mortos pelos mesmos em 1934[2] (Cf. Giaccaria, 1972:28).

Em 1941, foi morto o inspetor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) Pimentel Barbosa, enviado à área com objetivos de contatá-los. Os Xavante exterminaram "junto à aldeia mesmo, a expedição do doutor Pimentel Barbosa: seis mortos e um só sobrevivente, que conseguiu salvar-se fugindo" (Giaccaria, 1972:28).

Em 1944, a pacificação dos Xavante foi confiada a Francisco Meireles. Após um ano de trabalho de atração, no início de 1946, o sertanista contata pela primeira vez os Xavante[3], em Mato Grosso[4].

Em 1958, em sua primeira pesquisa de campo, Maybury-Lewis, em linguagem singular, relata uma circunstância que revela, em parte, a extensão da área habitada pelos Xavante, e simultaneamente aponta para a circunstância de alguns, que aceitavam a convivência pacífica com os brancos, e de outros que a rejeitavam.

---

[2] Datas que os Xavante frisaram, nos depoimentos:
1934 - morte do padre.
1942 - Pimentel Barbosa morreu
1946 - Chico Meirelles chegou na aldeia (1º contato pacífico)
1952 - Contato com o branco.

[3] "Os da aldeia de ARÒBÒÑIPÒ, quando os TIROWA eram 'RITEY'WA (1946), tiveram os primeiros contatos com Chico Meirelles. Em 1951 por causa de lutas internas, queimaram a aldeia e se dividiram: o grupo de APÓWE foi para aldeia de São Domingos (WEDEDXÈ) - em contato com os funcionários do Posto do SPI; o grupo de UYRÈ foi para a aldeia de NORÕWEDENA'RADA (Areões EM 1951 - 52)" (Monteiro, 1986:10).

[4] Cf. Ravagnani, no século XIX houve uma primeira pacificação dos Xavante, em Tocantins.

"Assim, embora estivéssemos no coração do território Xavante, os próprios índios estavam em guarda. Talvez fosse natural, em tal contexto de precaução, que eu tenha ficado apreensivo no dia em que vi um jovem guerreiro sozinho em pé sobre uma pedra, parecendo exatamente a sentinela que é uma aparição tão familiar nos faroestes de Hollywood. Toda a aldeia estava de mudança nesse dia e os outros também o tinha visto, mas não deram mostras disso. Quando nos aproximamos dele, percebi que é porque ele era de nossa própria aldeia. Mesmo assim, daqui ele era um estranho. Passei por ele como os outros, sem uma palavra. Quando acampamos, ele apareceu e foi para o abrigo construído por uma de suas parentas. Ele ficou lá deitado todo o dia, aceitando comida e falando sobre trivialidades. Apenas seus parentes mais próximos lhe perguntaram sobre suas intenções. O resto o ignorou, mas a aldeia toda fervilhava de boatos. Alguns achavam que os Xavante selvagens do norte tinham vindo até o rio e matado muitos brancos. Outros tinham ouvido algo a respeito do malvado chefe Eribiwen, do sul" (1990:293-4).

Pouco adiante, a descrição que o mesmo autor apresenta, evidencia que aquela parte do território só podia ser de ocupação Xavante, que na época eram, em grande parte, hostis.

"Então, inacreditavelmente, ouvimos o ruído de um barco a motor. Inexplicavelmente, ele vinha da direção de Xavantina. Eu não podia pensar em ninguém que descesse o Rio das Mortes até onde estávamos - cerca de duzentos quilômetros ou mais onde o rio faz a curva - nem podia imaginar para onde iriam. Tanto quanto eu sabia esta era também a distância até onde o Rio das Mortes desembocava no Araguaia e não havia absolutamente nada em suas margens, nenhum posto, nenhuma missão, nenhum sertanejo, **nada a não ser a possibilidade de Xavante hostis** (gn). Apesar disso, eu podia ouvir claramente o ruído de um barco a motor se aproximando e era certo que ele vinha de Xavantina" (Maybury-Lewis, 1990:302-3).

Uma vez embarcado no mencionado barco, em circunstâncias não previstas, e só parcialmente desejadas pelo mesmo autor, este deixa claro como os habitantes não-Xavante da região assimilaram um certo "respeito" imposto pelos Xavante em relação a seu habitat tradicional.

"Além disso, **estávamos no coração do território Xavante** (gn) e não era certo que os Xavante desses lugares fossem os que eu e Pia conhecíamos - ou mesmo que qualquer Xavante que não gostasse da nossa presença parasse para perguntar quem éramos. Tínhamos um Xavante conosco a bordo - um jovem bem-humorado e meio bobo, da missão, que até falava um pouco de português. Ele insistia mais do que qualquer outro que aqui devíamos dormir no meio do rio" (Maybury-Lewis, 1990:305), isto é, ambas as margens eram habitadas pelos Xavante hostis.

Para corroborar as referências quanto ao território ocupado pelos Xavante "na última década, uma importante frente de expansão de fazendas de gado formou-se nos municípios de Barra do Garças e Luciara, no Mato Grosso. Durante quase um século, **essa imensa região, entre os rios Araguaia e Xingu, estava fechada à colonização brasileira devido aos ataques dos índios Xavante** (gn) de língua Jê. Em 1946, o Serviço de Proteção aos Índios pacificou os Xavante, e uma corrente constante de colonos começou a se deslocar para a área..." (Davis, 1978:143).

Concluindo, pelos dados apresentados, a Área Indígena Parabubure está inserida no habitat Xavante, tradicionalmente constituído.

Ver ainda resposta ao quesito nº 3 da Procuradoria e Apêndice, que elucida a forma de habitação[5] Xavante.

2) De quando data a ocupação da referida área pelos indígenas?

Essas terras vem servindo de habitat tradicional[6] do povo Xavante desde meados do século passado. Em parte já esclarecido na resposta ao quesito anterior.

A antropóloga Valadão, pensando num contexto mais amplo, escreve: "A história da ocupação territorial dos Xavante não foge à regra da história dos demais grupos indígenas localizados em território brasileiro. Desde os primórdios da colonização portuguesa: todos foram sendo sistematicamente 'empurrados' pelo avanço das diferentes frentes de exploração econômica" (1994:s/p).

Segundo relato colhido por Giaccaria e Heide (1972), velhos Xavante resumem sua trajetória dos últimos séculos:

"Antigamente os Xavante habitavam em *U'rere* e os brancos vieram morar entre os Xavante e no início pareciam bons. Davam-lhes presentes. Depois os brancos falaram entre si: - Maltratemos os Xavante, e roubemos as suas mulheres. E os Xavante perceberam que o brancos queriam fazer-lhes mal e disseram: - façamos também nós mal a eles; matemos os seus porcos. Os dois chefes Xavante contaram aos brancos que os Xavante matavam os porcos e assim os brancos atacaram e prenderam os Xavante. Assim os Xavante foram expulsos de *U'rere*. Então os Xavante disseram: - Matemos os dois chefes, que estão sempre conosco e não nos defendem. O grupo fica aqui em casa, enquanto nós vamos esconder-nos na mata onde passam os dois chefes.

"Quando os dois chefes passaram lá foram presos e mortos e, junto com eles, também os seus amigos e uma mulher que queria

---

[5] "Para as sociedades indígenas a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural mas é tão importante quanto este um recurso sociocultural" (Ramos, A.R. "Sociedade Indígenas". Ed. Ática, 1986:13 apud Gonçalves, 1994:82).

[6] "Ocupadas tradicionalmente não significa ocupação imemorial". Segundo o professor José Afonso da Silva: "O tradicionalmente refere-se (...) ao modo tradicional de os índios ocuparem e utilizarem as terras e ao modo tradicional de produção, enfim, ao modo tradicional de como eles se relacionam com a terra, já que há comunidades mais estáveis, outras menos estáveis, e as que tem espaços mais amplos em que se deslocam etc. Daí dizer-se que tudo se realize segundo seus usos, costumes e tradições" (Gonçalves, 1994:83).
"Habitação de caráter permanente pressupõe, entretanto, um fato concreto, a própria ocupação indígena sobre determinada área, que lhe é destinada à posse permanente, para sempre (Gonçalves, 1994:83).

defendê-los. Depois os Xavante foram mais para frente construíram outro acampamento. Um outro grupo de brancos seguiu-os. Os Xavante estavam cobrindo as choças com palha seca e os brancos alcançaram-nos onde estavam. E que os brancos, disparando, mataram muitos Xavante. O grupo Xavante que vivia com os brancos, ajudava a matar e quase todos foram massacrados. Dois Xavante homens escaparam, enquanto as mulheres foram levadas pelos brancos. Esses dois homens foram para outros lugares e encontraram outras tribos, até encontrarem os Xavante"(Giaccaria, 1972:13).

Serpa analisa a história de contato dos Xavante, anterior a sua penetração em território mato-grossense:

"Um grupo[7] mais 'ortodoxo' teria se desligado de outros que acatavam o contato e se dirigido à região do rio das Mortes[8], que atravessou. Este grupo teria se chocado então com os Karajá. Em 1844, é noticiada a presença de Xavante na Ilha do Bananal. O líder desse grupo era *Butsé*, de acordo com as narrativas orais dos Xavante, registradas (por) Giaccaria e Heide (1972). Segundo essas narrativas os Xavante, haviam fundado uma aldeia às margens do rio Araguaia, afastando-se dos brancos que, voltando a importuná-los, resolveram atravessar o rio e fundar uma nova aldeia próxima ao rio Cristalino. Passado algum tempo, descobriram um acampamento de brancos que teria vindo ao encontro deles com a finalidade de atacá-los. Aproveitando as noites chuvosas da estação, resolveram fugir e atingiram o rio das Mortes, onde uma parcela do grupo atravessou o rio e a outra, com medo dos botos permaneceu ao longo do rio (Cf. Giaccaria, B. e Heide, A., 1972:23)" (Serpa, 1990:117).

E continua, pouco adiante, "os conflitos com **Bororo e Karajá** (gn) explicam-se pela intrusão dos Xavante recém-chegados, que disputam território controlado por estes povos, territórios ainda não ocupados por brancos" (Serpa, 1990:119)[9].

---

[7] Grupo Akwén é formado pelos Xavante e Xerente.

[8] "O relatório, do Presidente da Província de Goiás, Antônio Augusto Pereira da Cunha à Assembléia Legislativa da mesma Província (Doc. do Arquivo Público Nacional: 1856) diz que: '*que da parte de Frei Sisgimundo de Taggia, que recebera ordem para catequisar Xavante bravios do rio das Mortes foi um emissário a uma aldeia daqueles aborígenes, nada conseguindo de um velho índio com quem se entendeu e que lhe disse: 'os cristãos são muito maus' - quando eles (os índios) estavam no Carretão sofreram judiações com palmatórias, tronco, corrente, chicote, colar etc. (...) Alterou-se um pouco o nome deles, que agora são conhecidos como Xavante. Teem-se como homens corajosos, até mesmo ferozes, e são o terror de seus vizinhos, os Carajás do Araguaia.*"

[9] "Registros históricos mostram que os Carajá vinham lutando com os Xavante há pelo menos cento e setenta e cinco anos, o que lhes dava considerável vantagem sobre os brasileiros de São Felix que faziam isso há apenas uma década. Não estávamos na cidade nem há uma hora quando ficou claro para nós que ambas as comunidades temiam os selvagens do oeste e do sudoeste. Os Xavante, disseram-nos eles, eram bárbaros sanguinários. Seus costumes eram indecentes e sua comida revoltante. Era sabido que eles eram sadicamente cruéis, que não faziam prisioneiros, mas que os comiam; mantinham seus prisioneiros como escravos; tinham

Enquanto diversos autores afirmam que os Xavante atravessaram o rio Araguaia em meados do século XIX, para Ravagnani há a

> "(...) notícia de **Xavante em Mato Grosso já em 1800** (gn), ou seja, doze anos após a submissão do primeiro grupo aldeado no Carretão, (o que) antecipa as datas da imigração sugeridas em várias hipóteses. De acordo com Maybury-Lewis (1965:335) teria se dado na década de 1840, para Darcy Ribeiro, a partir de 1859 (Ribeiro, 1970:65), para Giaccaria e Heide (1972:23) por volta de 1860-70[10], pela nossa, a partir de 1820. É verdade que já existiam em 1800 as condições que os levaram posteriormente a imigrar para o Rio das Mortes: contato permanente na aldeia do Carretão e esporádico com as frentes de expansão. Mas muitos documentos registram sua estada em vários locais da Província até bem mais tarde. Por isso supomos que se trate de um caso isolado, de apenas um grupo que para lá se dirigiu, antecipando um processo que se desencadearia duas décadas mais tarde." (1991:72).

De acordo com os autores supra citados, **a região compreendida entre os rios das Mortes e Ronuro é o "habitat" exclusivo dos Xavante, desde meados do século XIX**.

Depoimentos atuais, como do velho Abrão, da aldeia Aldeona, revelam que em:
1902 - existia Etempore, (aldeia da Área Indígena Parabubure)
1909 - Estrela (Riprore = aldeia queimada), foi queimada por outro Xavante enquanto os moradores estavam em expedição; quando retornaram não quiseram mais morar lá e foram para Água Azul[11] *(córrego que entra no Coluene), perto de Paranatinga, onde fizeram aldeia. De lá vieram e abriram aqui (Aldeona).*

---

haréns de mulheres brancas capturadas. Em resumo, eles não mereciam confiança" (Maybury-Lewis, 1990:306-7).

10 Segundo Lopes da Silva (s/d apud Valadão 1994):
"Calcula-se que a penetração dos Xavante em território matogrossense tenha ocorrido por volta de 1870. Atravessando o Araguaia, o grupo liderado por Butsé concentra-se na aldeia de WEDE U, onde sofrem epidemias em conseqüência das quais todos os velhos vêm a falecer. Os Xavante deixam, então, essa aldeia e se mudam para a de ITSOREPRE, onde vivem cerca de trinta anos. As duas aldeias localizam-se na região do rio das Mortes. Ao fim desses trinta anos, por motivos políticos, há uma cisão e parte do grupo funda nova aldeia ETE RAU RAWAWE, mais a noroeste, provavelmente na região do rio Sete de Setembro. Parte desse grupo logo volta ao rio das Mortes e se junta aos companheiros de ITSOREPRE. Entre as duas aldeias há enfrentamentos. Os moradores do Sete de Setembro deslocam-se para o sul e passam a morar na região conhecida como Lagoa, às margens do rio Couto Magalhães. É ali que fundam a aldeia de WABDIZEREWAPRE. Enquanto isso, nova cisão ocorre em ITSOREPRE."

11 Água Azul = *özé'on* (água sem gosto), aldeia que está fora da Reserva.

Na região das cabeceiras do córrego *auauê* - (grande lambari = matrinchã), que corresponde às cabeceiras do Couto Magalhães, *tem vários cemitérios. Daqui (Aldeona) foi embora, até Parabubu*[12] *Depois de Parabubu voltou aqui. Naquela época era* ***terra livre***[13] (Ver Anexo 02).
1910 - não tinha branco, e Xavante estava aqui
1920 - não tinha branco, e Xavante estava aqui.

Continuando seus depoimentos, Abrão esclarece:
Maio, dia 12, 1969 está marcado no papel que Édison - chefe agrimensor - encontrou eu aqui em 1969 - depois que voltei de Marechal Rondon (Reserva Indígena). *Os Xavante que vieram juntos são: Abrão, Barnabé, Mi'é (Chiquinho), Mané Dito (reside na Aldeinha) e o Garcia. Aqui (Aldeona) era aldeia antiga. Como chegou doença,* seus habitantes *foram, em parte, para Aldeinha.*
Os quatro Xavante citados, que participaram da fundação de Aldeona, hoje se encontram em aldeias distintas: Abrão Rumri (aldeia Aldeona), Barnabé (aldeia Egito), Roberto Toböpó (em Córrego da Mata), Tomé (Barreiro).
Outubro, dia 22, 1973 - *de Marechal Rondon* (Reserva Indígena) *vieram outras famílias para cá e fundaram Aldeona,* retomando o habitat tradicional.
Novembro, dia 02, 1973 quando voltei aqui com 4 famílias, encontrei posseiros morando aqui, em tapera.
Dezembro, dia 15, 1973 - *fui a Brasília com Barnabé (era presidente.da Funai o Marechal Jerônimo de Mello e depois foi o Ismarth), para requerer proteção dessa área de terra.*

Essas informações do velho Abrão concluem-se com a decretação e demarcação da Área Indígena Parabubure, reservando aos Xavante essa parte de seu território tradicional que ocupam desde meados do século XIX.

3) Quantos e quais grupos indígenas habitam a área referida no citado decreto?

A Área Indígena Parabubure[14] é habitada por Xavante, repartidos nas aldeias (Ver anexo 03):

aldeia	habitantes
Estrela	200

[12] Batata amarga, silvestre, boa para lombrigueiro Na área não há batatinha do mato, conhecida apenas pelos velhos.
[13] A mudança de aldeia e/ou seu abandono é motivada pela maior incidência de doenças febris; provavelmente resultandtes da falta de higiene exigidas de um grupo mais sedentário. Os hábitos próprios do nomadismo tradicional não se mostram mais adequados para eles na situação a que foram compungidos.

[14] Habitantes nas diversas aldeias: segundo "Sistema de informação de Saúde - Dados Demográficos", de junho a agosto de 1995. Dados obtidos no arquivo da Administração Regional da Funai em Nova Xavantina.

Barreio	031
Aldeona	209
Paraíso	233
Aldeinha	117
Baixão	035
Sucuri	115
Santa Cruz	076
Alto da Vitória	013
Jacu	022
Córrego da Mata	116
Campinas	160
Mato Grosso	036
Santa Helena	033
Jerusalém	023
Chão Preto	047
Boa Vida	074
São José	083
São Felipe	127
Pizzato	019
São Pedro	254
Couto Magalhães	039
Buritizal	053
Brasil	038
Etempore	040
Santa Clara	095
São Paulo	024
Espírito Santo	051
Santa Maria	038
Nossa Senhora Aparecida	016
São Domingos Sávio	092

4) Quais os caracteres dos índios que na área habitam?

Xavante é um dialeto da língua Akwén, família Jê, do tronco lingüístico Macro-Jê (conforme Monserrat).

Como se trata da questão da terra, de ocupação tradicional por parte dos Xavante, para conhecer seus caracteres, é de interesse observar de que modo eles desenvolveram seu relacionamento com esse ekos. Para tanto, inicialmente, utilizam-se algumas observações extraídas do trabalho de Maybury-Lewis, que realizou sua primeira pesquisa entre eles no ano de 1958.

"O território Xavante constitui uma parte da porção ocidental do Planalto Brasileiro. E' uma região de campos cerrados, a cerca de 600 metros acima do nível do mar, o que a protege de índices extremados de calor e de umidade. Há uma estação seca, bem demarcada, que vai de maio a setembro, quando até mesmo uma garoa é acontecimento raro e quando os viajantes, cujas rotas se distanciam dos rios maiores, estão seriamente expostos à sede. Durante este período, os lagos que se formam na estação chuvosa recobrem-se de tufos esparsos de capim que surgem no meio de 'poças' de lama ressecada, que se quebram sob o pé como gelatina. Nesses 'lagos', por mais que se cave, só é possível encontrar uma quantidade mínima de água

Acervo ISA

muito barrenta. As chuvas chegam em outubro e, em geral, são fortes. Em janeiro e fevereiro, a terra costuma ficar encharcada, inundada mesmo, de modo que caçadores e índios andam sempre com água quase pelos joelhos. O viajante tem, então, dificuldade para encontrar um lugar seco onde possa acampar para passar a noite ou, simplesmente, onde possa se deitar para dormir".

"O solo é de arenito, conglomerado e xisto (Sauer, 1950:323) e é geralmente conhecido por sua má qualidade" (...)(1984:75).

"Dadas as circunstâncias compreende-se porque os Xavante foram deixados relativamente em paz e puderam perambular em sua terras durante tanto tempo. Quando se diz que o território Xavante é constituído por "campos", é preciso ressaltar que não se trata de 'campos limpos', muito valorizados como pastagens e sim de 'campos cerrados'. Um geógrafo descreveu estes 'campos cerrados' como sendo 'uma savana com moitas esparsas de mata mirrada e temporária' (James, 1941:505). Podem, às vezes, ser produtivos, mas geralmente (e este é o caso do território Xavante), são solos pobres e constituem algumas das regiões menos densamente povoadas em todo o Brasil". (id.1984:76).

"Os Xavante gostam do cerrado por sua amplidão, por ser aberto (gn) em comparação à floresta tropical, encontrada em todo o seu território nas matas-galeria que se formam ao longo de todos os cursos d'água. Até mesmo os menores riachos correm num tunel formado por mata densa. Os Xavante apreciam as matas ciliares porque nelas sempre encontram água e muita abundância de raízes e frutas, que são a base de sua alimentação. As palmeiras de buriti (Mauritia sp.), cujas folhas fornecem a fibra para seus ornamentos cerimoniais (gn), são freqüentemente encontradas nas matas-galeria (embora não apenas aí), bem como as árvores cuja madeira é utilizada na manufatura de vários artefatos. E' aí, também, que se encontra o melhor solo para o cultivo de suas culturas escassas. Além disso, estes lugares são geralmente bons para caçar, pois os animais sentem-se atraídos pela sombra fresca e úmida destas matas" (...)(id.1984:76-7).

No relacionamento com o meio ambiente, eles estruturaram suas atividades de subsistência.

"Pensou-se, com freqüência, que as tribos que habitam os campos cerrados do Planalto Central subsistiram principalmente (senão exclusivamente) graças à caça e à coleta. As tribos Jê eram, portanto, consideradas como sociedades de caçadores por excelência: sua agricultura era tida como extremamente rudimentar ou mesmo inexistente. As pesquisas de Nimuendajú (1946:57) e Lowie (1946:480) muito contribuíram para corrigir essa visão pois mostraram que todas as tribos Jê até então conhecidas haviam sempre praticado uma agricultura módica mas significativa, que tinha, (...) uma importância considerável" (Maybury-Lewis, 1984:79).

Na economia Xavante hodierna, a agricultura, segundo Lopes da Silva, é mais significativa, se comparada à época pesquisada por Maybury-Lewis. Eles mantém as outras atividades econômicas, como caça, pesca, coleta. O plantio é desenvolvido em roças familiares ou comunitárias. As últimas podem ser de "toco" (técnica da coivara), ou mecanizada. Diversas aldeias dessa parte da Área Indígena Parabubure,

que inclui a área sub-iudice, desenvolvem plantações de bananeiras, com fim comercial. Para exemplificar, a Aldeia Egito tem aproximadamente duas mil covas de bananeira plantadas, constituindo o principal cultívar numa roça de 4 alqueires, segundo eles; a Aldeia Aldeona preparou uma roça de 1,5 alqueire para a mesma finalidade. Em suas roças familiares (mais próximas da aldeia), eles plantam: milho (rajado, branquinho, amarelo, preto e vermelho e *de branco*), abóbora, mandioca (brava e mansa - transformada em farinha seca [ralada], ou de puba [cascalho], também consumida em forma de beiju ou cozida), banana (maçã e nanica), batata doce (amarela), batata comum, abacaxi, inhame, feijãozinho, feijão de corda, melancia, arroz, amendoim, cará (grande, médio, pequeno, roxo), mangarito e mamão.
Na roça "comunitária", ou "*de aldeia*", (distantes até 7 Km), promovem o plantio de cultívares como arroz, milho, cana-de-açúcar, melancia, abóbora, amendoim. Utilizam, entre os temperos, a pimenta nativa e a plantada.

Cultivam árvores frutíferas como a mangueira, laranjeira, limeira e plantas como o urucu, café e o algodão.

Os Xavante, além da agricultura, da coleta abaixo descrita, da criação de galinhas, já tiveram um pouco de bovinocultura. No momento tem uma área cercada, aguardando novas cabeças de gado, como foi observada próxima à aldeia Baixão[15], no entanto, a atividade simbolicamente mais importante para os homens, é a caça.

> "Todos os ambientes são utilizados para caça, principal atividade, a que os interessa mais do que qualquer outra para a qual despendem mais energia e a respeito da qual falam sem cessar. Reúnem-se diariamente no centro da aldeia para comentar detalhes de caçadas, trocar informações e fazerem planos para caçadas coletivas. Envolvendo sonhos constantes, iniciações masculinas, feitiços e controle de forças sobrenaturais, a caça e a valorização do bom caçador encarnam o ideal de masculinidade Xavante e sua importância transcende o valor alimentício propriamente dito constituindo-se em elemento simbólico fundamental para a reprodução cultural da sociedade Xavante" (Valadão, 1994:s/p).

Como animais de caça, os Xavante elencaram os seguintes: anta, veado catingueiro e mateiro, tamanduá-bandeira, caitetu, tatu (canastra, peba, molita, bola, rabo-mole), cervo, jacaré, paca, cutia, coati, jacaré, sucuri, jibóia[16], jaboti *(uhã)*, mutum (preto e carijó[17]), jaburu, siriema, pato, ema, jacu, jacutinga, gavião (vermelho e rajado), arara (vermelha, amarela e *preta*), papagaio, periquito, pomba do campo, jaó, pica-pau, perdiz, tucano; elencaram ainda animais hoje inexistentes na Área, como: porco-queixada, marreco, lebre, raposa, capivara.

---

15 (Não obtive informação de como foi adquirido esse gado).

16 Sua gordura é utilizada para passar em criança para não ficar doente; *quem usa colar feito de osso de sucuri não fica doente, não fica doente de barriga, agora tem muita doença, com a entrada do branco; o branco trouxe muita doença.*

17 Conforme alguns informantes Xavante: o mutum preto é o macho e o carijó, a fêmea.

A carne de todos eles é comestível, excetuando-se onça, lontra, ariranha, guariba. Do gavião rajado e da garça aproveitam as penas. Na caça, o macaco é poupado.

A caça diminuiu sensivelmente com a abertura das fazendas na região, fator importante a ser considerado, tanto em relação à atividade de subsistência física, quanto a seu significado cultural.

> "Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente[18] (gn); mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes sequer de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos não comiam carne todos os dias e chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão.
>
> "Esses produtos eram, basicamente, de três tipos: raízes, cocos e frutas (gn). (...) São coletadas em grandes quantidades em certas regiões do cerrado e fornecem uma dieta nutritiva embora composta quase exclusivamente de amido. Geralmente são trazidos à aldeia no fim da tarde ou ao anoitecer: As fogueiras são acesas (ou reavivadas) e metade das raízes são cozidas em panelas enquanto que as demais são assadas diretamente na brasa. As assadas ficam prontas primeiro e podem ser ingeridas na própria casca ou são descascadas, de acordo com a vontade do indivíduo" (Maybury-Lewis, 1984:87).

Eles tem xerimbabos - filhote de tucano (Egito), caitetu (Etempore), papagaios e araras.

Conforme depoimentos, mediante a coleta eles obtêm: inhame silvestre, pequi, urucum, *mangava* (mangaba), jatobá, ubaru, barú (amêndoa), *Derãnwasa*, puçá (semelhante a jaboticaba), macaúba, bauru, goiaba silvestre, caju silvestre, buritirana, babaçu, tucum, bacaba, buriti (dos dois últimos extraem a polpa das frutas para fazer um suco). Buscam mel de diversas espécies de abelhas: chupé, jataí, mandaguaí, europa, bijuí e um igual a cupim. São objeto de coleta as formigas vermelhas e os gafanhotos. Coletam ainda o algodão, as folhas de babaçu,

---

[18] A situação vivenciada pelo autor traduz muito bem, para um não Xavante, a importância da caça para essa nação:

> "No início da tarde atiramos num veado - ou melhor, ele atirou. Quando nos aproximamos, ele indicou que eu ficasse para trás, já que os veados têm ouvidos muito aguçados e este requeria uma tocaia cuidadosa. Obedientemente, fiz o que ele dizia e em poucos minutos tínhamos nossa primeira presa. Eu estava duplamente satisfeito. Teríamos carne fresca e agora podíamos voltar. Mas o apetite de Surupredu tinha apenas despertado com este sucesso. Ele queria caçar mais, e me deu o veado para carregar. Foi por volta deste momento que comecei a ficar enfarado de nossa excursão. o sol permanecia alto no céu e recusava-se a descer. Surupredu trotava na frente, de vem em quando correndo para explorar um conjunto de pistas, e eu me arrastava atrás, sedento e cansado e desejando que já estivéssemos de volta ao posto. O pior de tudo é que parecia que não parávamos nunca. Surupredu continuava e continuava como uma máquina, e eu calculava que devíamos estar fazendo isso durante nove horas agora" (Maybury-Lewis, 1990:262).

buriti (cobertura e cordas), sapé (para a cobertura das casas) e de tucunzinho e de buriti (para a indústria da corda, barbante). Coletam o olho da palmeira de buriti (para confecção de cesto e esteira para dormir). O buritizal mais próximo, para uma das aldeias, fica a mais ou menos 12 Km, considerado bastante *longe*; a taquara (necessário para as flechas)encontra-se a 36 Km; coletam troncos do coqueiro de tucum (para confecção de seus arcos) e do buriti (utilizado no ritual de corrida de tora); coletam a madeira do pau-brasil (para a confecção de borduna) e do "pati" (para a indústria do arco); coletam a aroeira que é - *natural para fazer borduna*[19] - utilizada em ritual e na caça; *hoje leva junto para demonstração em Brasília.*

Coletam penas de siriema, mutum carijó e preto, pipaiopré (gavião). Da folha de tucumzeiro obtem fibras para a indústria da corda para arco; fabricam cordão a partir de fibras de uma raiz (não identificada) que amarram no pulso para proteger de doenças. *Para quem gosta usa, e para quem não gosta fica sem.*

Do cerrado coletam - *riptó*, *tenini*, *titopré*, muitas variedades de raiz - para fazer chá; coletam ainda vários tipos de folhas e cascas para infusões para combater febre, diarréia e dor de cabeça; e plantas medicinais como *wedêuwáutsê* - para males de fígado.

> "O território Xavante é, portanto, naturalmente bem dotado para a manutenção de uma pequena população de caçadores e coletores nômades. Um coletor eficiente consegue alimentar várias bocas sem dificuldades excessivas. Como a coleta é basicamente uma atividade feminina, deduz-se que as mulheres constituem componentes economicamente ativos no âmbito do grupo doméstico. Os homens, às vezes, também saem para coletar, já que não consideram que essa atividade os diminua. Acontece simplesmente que a maior parte do seu tempo é despendido na caça, na vida social e cerimonial da comunidade, da qual as mulheres participam pouco (gn). As excursões de coleta com outras mulheres representam, aliás, uma das poucas oportunidades oferecidas a uma mulher de relacionamento social fora de suas casas. O resultado é que as mulheres gostam de ir coletar e geralmente procuram voltar mais cedo para tomarem juntas um banho gostoso no rio mais próximo ao acampamento" (Maybury-Lewis, 1984:92).

Com as mudanças impostas pelo contato, quase não é mais possível para o Xavante ausentar-se de sua aldeia e roça. "O território perde, portanto, aquele caráter de área de domínio e exploração de um grupo Xavante que o percorria sistematicamente e passa a ser o pedaço de terra cujo domínio é preciso assegurar para

---

[19] Conforme análise desenvolvida por Maybury-Lewis, em "O Selvagem e o Inocente": a borduna Xavante é símbolo do homem adulto, do homem maduro; tem uma extremidade apontada, servindo de "pau de cavar" e a outra, mais alargada, com finalidade de arma (308b).

"Simboliza o fato de os homens maduros serem, por definição, tanto os defensores como os provedores dos grupos domésticos".

"A borduna é símbolo fálico. A extremidade rombuda, marcada pelas raízes - base da planta, corresponde ao escroto, que tem como sequência, a haste = pênis (308).A borduna sintetiza o significado de fertilidade e de morte; de relação sexual e luta; do plantar e eliminar; da capacidade de ter filhos; a borduna é um cetro, símbolo de poder.

a garantia da sobrevivência de todo um povo. Os limites de seu território passam a ser a divisa entre dois mundos, entre os quais a realidade de uma relação simétrica parece estar ainda distante" (Lopes da Silva, 1983:52).

Mas, essas mudanças não alteraram a tradicional paixão pela caça e coleta.

Quanto à pesca, outra atividade econômica praticada pelos Xavante, julga-se que seu interesse "foi despertado pela introdução da técnica do anzol e da linha. É utilizada hoje com exclusividade e os Xavante deixam de pescar quando não dispõem desse material".

"(...) Para ganhar tempo voltaram-se para a pesca e descobriram que, gastando pouco tempo e com pouco trabalho, um homem com anzol e linha pode pescar o suficiente para alimentar todo um grupo doméstico".

"A pesca é, portanto, uma atividade importante apenas durante o período em que os Xavante se fixam temporariamente em algum lugar. Caso contrário, alguns homens entregam-se a pescarias ocasionais seja porque não estão com vontade de caçar, seja porque os rios das redondezas são especialmente piscosos. A pesca só é praticada com certa regularidade pelos meninos. As mulheres nunca pescam, a não ser quando usam uma panela ou uma peneira para pegar grandes porções de piabinhas. Estes peixinhos são apreciados como iguarias especiais mas tem pouca importância na dieta Xavante" (Maybury-Lewis, 1984: 97-98).

Segundo os depoentes, na pesca, utilizam variadas técnicas, como arco-flecha, tarrafa, espinhel e timbó (só no lago), este mais utilizado antigamente.

Na pesca com timbó, os velhos postavam-se na beirada da lagoa, enquanto os mais jovens ficavam no meio. Enquanto isso o pajé ficava quieto, e cuidava para jacaré *ai'hô'ré* não atacar, quando saía à noite, e permanecia *três dias fora da água até veneno acabar*. Usavam, de forma complementar, uma espécie de tapagem feita com palha para cercar a boca da lagoa e apreender peixes.

Atualmente utilizam mais linhada com anzol (como observado por Maybury-Lewis) para capturar: pacu, piau, pintado, voadeira (matrinchã), bicudo, jiripoca, peixe de pato, caranha, piranha, traíra, robafo, cachorro, jaú, filhote, mandi, pirarara, curuvina, papaterra, tucunaré. Em resumo, *come todo o tipo de peixe.* Dentre os peixes, apenas a arraia e o peixe elétrico se incluem na lista dos não-comestíveis. Utilizam também redes que apresam de pescadores intrusos. A captura da tartaruga e do tracajá faz parte dessa atividade. Preocupados, observam a diminuição sensível da piscosidade dos rios.

O processo adaptativo dos Xavante insere-se num contexto mais amplo, que implica no processo de pacificação e de penetração de brancos em seu território tradicional, conforme observa Lopes da Silva:

"Redução dos limites do território controlado pelos índios, perda de áreas ricas em produtos de coleta; escassez da caça pela proximidade de fazendas e vilas (gn); desequilíbrio demográfico (redução drástica da população nos anos iniciais do contato, podendo ou não haver recuperação posterior) devido a doenças e eventualmente a conflitos na disputa pela terra; necessidade de bens manufaturados e

experiências com a venda da força de trabalho parecem ser compulsões que necessária e inexoravelmente se impõem às populações indígenas em contato com a sociedade nacional".

"Os Xavante não escaparam à regra. No seu caso específico, a primeira grande alteração afetou o padrão semi-nômade de exploração do meio ambiente. O processo de abandono das expedições coletivas de caça e coleta (*dzömon*) está hoje quase completo. Elas sobrevivem, com freqüência bem menor do que à época do contato, apenas em Pimentel Barbosa e Areões. Isto significa diminuição da freqüência de atividades econômicas coletivas e traz, como alternativa para a sobrevivência, um aumento da importância da agricultura como fonte de alimentos. Ênfase na agricultura significa, além da sedentarização, ênfase em atividades econômicas individuais (as roças Xavante pertencem às famílias nucleares). Uma das conseqüências da dedicação de um número maior de horas de trabalho para a subsistência é a diminuição das oportunidades para as atividades comunitárias (sociais, rituais)" (Lopes da Silva, 1980:11-12 apud Silva, 1983:47).

Esse quadro sucinto de atividades econômicas, caracteriza a situação atual, no sentido de ocupação desse território, imprescindível a sua sobrevivência físico-cultural.

Quanto à organização política, relativa à distribuição de ocupação da terra, os Xavante, segundo Maybury-Lewis,

"(...) não constituem uma unidade[20]. Suas comunidades são autônomas e raramente estão separadas por uma distância menor que a equivalente a um dia de viagem. Uma vez que os Xavante calculam o tempo de viagem de acordo com a distância que pode ser percorrida a pé, isto significa que as suas comunidades estão geralmente separadas por 50 quilômetros, pelo menos".

Os Xavante da Área Indígena Parabubure adotaram uma nova política de ocupação da Área Reservada[21]. Antes a distância entre aldeias oscilava em torno dos 50 Km. Hoje, as aldeias são mais próximas, menores e mais numerosas (ver resposta ao quesito 03).

Distâncias entre algumas aldeias (marcadas pelo velocímetro de uma toyota)

Egito	-	Etempore	26 Km
Egito	-	Aldeona	16 Km
Etempore	-	Posto Indígena Xavante	21 Km
Egito	-	P.I. Xavante	47 Km[22]

"Cada aldeia Xavante mantém direitos de propriedade coletivos sobre uma certa área e sobre seus produtos mas não reconhece

[20] Enquanto os Xerente (outro grupo Akwén) só podem ser entendidos no conjunto formado pelas diversas aldeias, conforme Farias, 1990.

[21] Geopolítica: pulverização das aldeias como forma de assegurar a ocupação da terra. As festas e cerimônias são oportunidades de encontro entre elementos de várias aldeias.

[22] A distância entre o P.I. Xavante e a sede do município de Campinápolis é de 50 Km, e desta a Nova Xavantina, que sedia a Administração Regional da Funai, a distância é de 63 Km.

fronteiras específicas entre o seu próprio território e o de outros grupos. No passado a composição demográfica de cada aldeia não era constante, já que não era determinada por descendência ou por algum outro princípio equivalente. Os Xavante sentiam-se livres para vagar fora de 'seu próprio' território se estavam preparados para se arriscar, havendo a possibilidade de choque com outros grupos Xavante que podiam ressentir-se da intrusão. Assim também, cada indivíduo tinha liberdade para transferir sua lealdade de uma comunidade para a outra" (Valadão, 1994:s/p).

B. Quesitos do Autor

1. Se a época da expedição dos títulos pelo Estado de Mato Grosso, existiam índios permanentemente localizados em tais áreas?

De acordo com Serpa e Lopes da Silva, os Xavante ocupam permanentemente um território, onde se inclue a área *sub-judice*.

> "As terras (...) localizadas na região compreendida pela margem esquerda do rio Coluene e pelo Vale do rio Couto Magalhães, são tradicionalmente ocupadas pelos Xavante e por eles habitadas em caráter permanente, sendo assim utilizadas para suas atividades produtivas e necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (cf. Artigo 231 da Constituição Federal de 1988)" (Serpa, 1990, 60). (Ver Anexo 01)

2. Havia perambulação indígena na área?

A área *sub-judice* encontra-se próximo (sobrepondo-se parcialmente) às aldeias Egito, Aldeona, Baixão ... no interior da Área Indígena Parabubure, que é parte do habitat tradicional dos índios Xavante (Ver anexo 02).

As reflexões da antropóloga Franchetto auxiliam na compreensão desse questionamento:

> "O território indígena se define não somente por critérios históricos, como também por critérios culturais próprios ao(s) grupo(s) que o habitam. Entre eles, consideramos as instituições sociais que determinam padrões de ocupação, os modos de exploração econômica do ecossistema circundante, com os recursos que ele oferece para a reprodução física e cultural do grupo; referenciais ligados à cosmologia; dinâmicas políticas que dirigem a expansão ou a contração territoriais. O território indígena é, assim, mapeado a partir das necessidades de sobrevivência do grupo, sobrevivência entendida em sentido amplo e não simplesmente material. Estão incluídos nesse mapeamento o acesso a recursos básicos, sítios históricos e 'religiosos', as fronteiras definidas e reconhecidas com os territórios habitados por outros grupos, aliados ou inimigos. Por fim, não podemos esquecer que, depois do contato com as frentes de colonização do interior brasileiro, esse mapeamento passou a compreender a presença de elementos não-indígenas e novas fronteiras" (Franchetto, 1987:4).
>
> "A abordagem antropológica representa, sem dúvida, uma crítica a outro procedimento utilizado na definição de 'território indígena', aquele que procura e a circunscrição mecânica de um espaço geográfico pela identificação de 'marcas de ocupação' materiais e visíveis, 'vestígios de ocupação', aldeias e roças, habitações. Dizíamos em trabalho anterior (Franchetto, 1985:106): (Franchetto, 1987:4).
>
> "'O que se procura é sempre a prova de uma relação com a terra/território que se configure no esquema do indivíduo ou do grupo individualizado, exercendo um domínio transacionável fixado pela lei. Achamos que esta conceituação não toca em quase nada o viver e pensar dos índios xinguanos que conhecemos e que nos

Acervo ISA

falaram. Terra é, para eles, 'chão', no sentido literal e figurativo do termo, mais do que qualquer outra coisa. Não é mercadoria, não se fecha, e é todo absolutamente 'explorado', material e simbolicamente. É um espaço contínuo, sem divisa e picadas. Seria, porém, ingênuo não pensar na restruturação violenta que o espaço sofreu depois que a picada do Parque tornou a terra definitivamente delimitada. Houve transformações no sistema de relações políticas entre os grupos, com a criação de novas identidades. Mas a manutenção de um controle de alguma maneira grupal e coletivo sobre a terra permitiu fazer de um território agora fechado, 'chão' de um identidade 'xinguana'. Ora, impor por força da lei um sistema de idéias e de valores a outra cultura nos parece desrespeitar o princípio de 'preservação' de cultura, usos e costumes que a própria lei preza. Além disso, viola um princípio de igualdade exigido pela Constituição. Uma vez imposta, tal norma, mexe exatamente no 'chão' de um grupo/grupo, seu suporte, e tem o poder de desencadear práticas legitimadas de invasão de terra e de fraccionamento dos territórios indígenas ainda existentes'" (Franchetto, 1987:4-5).

"O levantamento antropológico é obviamente um trabalho demorado, que pressupõe uma preparação específica. Períodos limitados de dias ou semanas em campo ou sobrevôos não levam, evidentemente, à percepção da ocupação indígena e dos limites de seu território" (Franchetto, 1987:5).

"O pensamento jurídico moderno reforça o enfoque antropológico, dando uma interpretação aprofundada dos conceitos de 'habitado/ocupado' e de 'posse' quando referidos a territórios de povos indígenas. Citamos antes de duo a interpretação de Victor Nunes Leal do Artigo 198 da Constituição Federal vigente (e de seus precedentes constitucionais republicanos), interpretação contida na Súmula 480 (Franchetto, 1987:5-6).

"'Aqui não se trata do direito de propriedade comum: o que se reservou foi o território dos índios ... Não está em jogo, propriamente, um conceito de posse, nem de domínio, no sentido civilista dos vocábulos; trata-se do habitat de um povo. Se os índio, na data da Constituição Federal, ocupavam determinado território, porque desse território tiravam seus recursos alimentícios, embora sem terem construções ou obras permanentes que testemunhassem posse de acordo com o nosso conceito, essa área, na qual e da qual viviam, era necessária à sua subsistência... A Constituição Federal dispôs sobre o assunto e retirou ao Estado qualquer possibilidade de reduzir a área que, na época da Constituição, era ocupada pelos índios, ocupada no sentido de utilizada por eles como seu ambiente ecológico'" (Franchetto, 1987: 6).

"A posição de Victor Nunes Leal representa um enriquecimento do universo das leis e não é isolada. Citamos, também, o Professor José Afonso da Silva, em palestra proferida na Faculdade de Direito da USP em outubro de 1983, sobre a auto-aplicabilidade do art. 198 e os direitos constitucionais dos índios (Franchetto, 1985:107) (Franchetto, 1987: 6):

"'A relação entre o indígena e suas terras não se rege pelas normas do direito civil ... sua posse extrapola a órbita puramente privada e é a base de seu habitat no sentido ecológico de interação do conjunto de elementos naturais e culturais que propiciam o desenvolvimento equilibrado da vida humana... Esse tipo de ralação

não tem nada a ver com as limitações individualistas do direito privado. Os textos constitucionais estão presos a determinados conceitos científicos em função daquela parte da realidade a que eles se dirigem... não se trata de uma força normativa e imperativa, mas de uma força conceitual, para que, quando você leva ao juiz uma questão relativa a terras indígenas, você possa realmente mostrar que 'terras habitadas' não pode ter o sentido de habitação normal, até porque habitação está presa a uma edificação . Quando se trata de terras habitadas por índios, precisa levar em conta também o modo com que os índios encaram a sua influência nessa terra e o raio de ação com quem atuam sobre ela, com a própria concepção da área que ocupam... O contato, aliás, já pode influenciar essa visão'" (Franchetto, 1987:7).

Para corroborar, ver respostas aos quesitos da Procuradoria da República.

C. Quesitos da Fundação Nacional do Índio - FUNAI

1. Queiram, o Sr. Perito e seus Assistentes-Técnicos informar se a área descrita pelos autores na petição inicial, incide na Área Indígena Parabubure.

A área descrita pelos autores incide totalmente na Área Indígena Parabubure. Ver Anexo 02, que auxilia no esclarecimento dessa questão.

2. **Com base na definição legal estabelecida no parágrafo 1º do** *artigo 231, da Constituição Federal, queiram, os senhores "experts", informar quais os critérios de cunho científico-antropológico, que devem ser observados para comprovação do que sejam terras tradicionalmente ocupadas pelos índios.*

> No **Art. 231,** da Constituição Federal, "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.
>
> *1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias e sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições*".

As terras tradicionalmente ocupadas pelos Xavante, são por eles habitadas desde meados do século XIX, conforme vários autores: Baldus (1948; 1938); Ariaga (1943); Malcher (1964); Aureli (1966); Cunha (1969); Giaccaria & Heide (1972); Fonseca (s.d.); Aureli (s.d.); Bandeira Anhanguera (1938); Silva (1935); (Ravagnani 1991).

Ver respostas aos quesitos nº. 1 e nº. 4 da Procuradoria da República, e as respostas aos quesitos nº 1 e nº 2 do Autor.

3. Considerando os parâmetros acima mencionados, digam, o Sr. Perito e seus assistentes-técnicos, se a Área Indígena Parabubure em toda a sua extensão, constitui, de fato, terras tradicionalmente ocupadas pelos índios.

A Área Indígena Parabubure, em toda a sua extensão, constitui terras tradicionalmente ocupadas pelos Xavante, conforme resposta aos quesitos nº. 1, 2 e 4 da Procuradoria da República e a resposta ao quesito nº 1 do Autor.

4. A Área Indígena Parabubure, é ocupada tradicionalmente por qual grupo tribal?

Acervo ISA

A Área Indígena Parabubure é tradicionalmente ocupada pelos Xavante. Nesta área não consta nenhum elemento de outra nação indígena. Ver população por aldeia, na resposta ao quesito nº. 3 da Procuradoria da República.

5. A partir de quando, data tal ocupação?

Tal ocupação data de meados do século XIX, conforme esclarecido na resposta aos quesitos nº. 1 e 2 da Procuradoria da República.

6. Qual o perfil antropológico dos índios acima referidos?

Num estudo relativo a uma sociedade, todos os seus aspectos encontram-se interrelacionados, como por exemplo, a economia relaciona-se com a política e ambas não podem ser compreendidas sem considerar sua relação com o mundo sobrenatural.

Nesse sentido, seguem alguns aspectos que permitem traçar um perfil antropológico dos Xavante, somando-se aos já expostos, nas respostas a outros quesitos.

Os homens, como símbolo de sua virilidade, utilizam batoques em suas orelhas.

> "O significado simbólico dos batoques auriculares é também discutido adiante. Aqui, basta dizer que os Xavante pensam o batoque auricular cilíndrico que fura o lóbulo da orelha de um homem como equivalente ao seu pênis ao perfurar uma mulher. Isto se dá a partir do momento em que o rapaz atinge a maturidade. Batoques auriculares pintados de vermelho têm, assim, propriedades procriativas especiais quando associados ao ato sexual" (Maybury-Lewis, 1984:108).

Uma vez que um homem Xavante engravidou uma mulher, dentro desse contexto de compreensão simbólica, aguarda o desenvolvimento até que nasça seu filho.

> "A medida que a época do nascimento se aproxima, o futuro pai deve observar uma série de restrições. Ele não deverá matar um tatu (*wãrã wawe*), por isso causaria um parto longo e doloroso à sua esposa. Ele deverá também evitar de caçar jibóias, seriemas, araras e certas espécies de peixes, principalmente o barbado (Pirinampus pirinampus) e o cachorro (Auchenipterus striolatus). Um informante idoso insistiu muito - apesar das negativas céticas de homens mais jovens - que o futuro pai não deveria caçar nem comer a carne do mutum vermelho pois isto causaria a morte de sua esposa no parto. Havia consenso, no entanto, quanto à abstenção total de carne por parte de um homem no período imediatamente anterior ao parto de sua esposa pois carne é comida "forte" e faria mal à criança no momento crítico e iminente do nascimento. Ele também não deveria manter relações com nenhuma mulher neste período, o que seria danoso ao nenê, ainda fraco" (Id., 1984:109).
>
> "Durante alguns dias imediatamente após o nascimento (em dois casos reais, foram cinco), o marido deve viver calmamente dentro e

Acervo ISA

nas proximidades de sua casa. Pode ocupar-se com a feitura de armas ou de qualquer outra coisa em que ele esteja trabalhando manualmente no momento, mas não deve sair para caçar ou pescar e não pode comer carne. Os Xavante enfatizam que ele deve moderar suas atividades durante este período: ele deve comer e beber pouco; não pode participar das reuniões do conselho dos homens nem envolver-se em discussões ou brigas; deve abster-se de intercurso sexual com mulher alguma; deve, enfim, viver uma vida tranqüila" (Id., 1984:110).

Quanto ao relacionamento entre os homens, há uma instituição que rege as relações de amizade e companheirismo entre eles.

"O aspecto fundamental da instituição prende-se ao fato de todo homem unir-se por meio de um laço de amizade formal, com pelo menos um membro de sua classe de idade que pertence a um outro clã, por toda a vida. Na prática, porém, o laço só tem vigor durante os anos em que sua classe de ideal é cerimonialmente ativa (Maybury-Lewis, 1984:158).

A distribuição do tempo para as diversas atividades, manifesta a que uma determinada sociedade confere mais importância. Exemplarmente, encontramos no mesmo autor:

"Durante grande parte do ano de 1958, os meninos da casa dos solteiros, em São Domingos, estiveram ocupados na confecção de ornamentos para as cerimônias de iniciação. A impressão que se tem é que os Xavante nem bem acabam de fazer uma festa ou uma série de cerimônias e já começam a preparar a seguinte. Precisam, por exemplo, garantir a ida de um grupo a uma região que lhes forneça a matéria-prima para a feitura de seus ornamentos. Além disso, essas viagens precisam ser planejadas de tal modo que coincidam com o tempo de alguma fruta ou algum outro tipo de alimento relativamente abundante na região visitada, para que as pessoas, bem alimentadas, fiquem liberadas para o trabalho artesanal. Por fim, os processos pelos quais se faz efetivamente a parafernália cerimonial são, no mais das vezes, trabalhosos e demorados. Os Xavantes levaram meses fazendo as máscaras de dança necessárias para as cerimônias de iniciação. Nesse tempo, os meninos da casa dos solteiros estavam ocupados na confecção dos tradicionais colares de contas" (Id. 1984:162).

"Esse trabalho envolvia a coleta das semente de capim navalha (Scleria sp.) que precisavam ser cuidadosamente chamuscadas antes de serem colhidas para que endurecessem por fora. É difícil fazer isso sem queimar todo o pé, e a tarefa requer extremo cuidado e muita técnica para ser bem sucedida. As "contas" enegrecidas eram retiradas da haste do capim, de modo que cada uma ficava com um fruto pequenino de um lado. Os meninos, então, ficavam horas sentados, furando o outro lado das sementes: pegavam uma semente de cada vez de dentro de uma cuia, enfiavam uma agulha feita de osso no furinho já existente, e faziam pressão com a agulha para que a semente ficasse firme e entrasse um pouco na polpa do lado de dentro da casca da cabaça, antes da agulha romper o outro lado da semente" (Maybury-Lewis, 1984:162).

A geração e o nascimento vem acompanhados de uma série de cuidados, a amizade é formalizada, o tempo é dedicado segundo as necessidades culturais. Os membros da sociedade estão organizados conforme uma estrutura singular, regida de acordo com a idade, mas não simplesmente pela idade cronológica, mas principalmente pelas categorias e relações de classes de idade.

Categorias de Idade

Masculinas		Feminina	
Homens Maduros	Ipredu	Pi'õ	Mulheres Maduras
Rapazes	Riteí'wa	Adabá Araté	Mulheres nominadas Mulheres com filhos
Solteiros	Wapté	Tsoimbá	Meninas para quem os maridos já trouxeram carne
Crianças (meninos) (Os que já não são mais bebês)	Watebremi (ai'repudu)	Ba'ono (adzarudu)	Crianças (meninas) (As que já não são mais bebês)

(Id.:202).

Relações entre as classes de idade

"Sênior"	Wahi'rada
"Sênior Alterada	waniminhõhú
"Sênior Adjacente	iní'wa
de Ego	intsú
"Júnior"Adjacente	tsinhõrã
"Junior"Alterada	waniminhõhú
"Junior"	roptosõ'wa

(Id.:204).

Os clãs que compõem as metades são iguais, se comparados os Xavante ocidentais e os Xavante orientais, diferenciando-se apenas nas relações correspondentes entre os clãs que estão ordenados distintamente.

XAVANTE OCIDENTAIS		XAVANTE ORIENTAIS	
Metade A	Metade B	Metade A	Metade B
Anorowa	Tsada'ro	Abare'u	Tsada'ro
Ai'rere	Hötö'rã	Anorowa	Hötö'rã
Tirowa	Etepá	Ai'rere	Etepá
Abare'u	Nodzö'u	Tirowa	Nodzö'u

(Maybury-Lewis, 1984:216).

Acervo ISA

Apesar de alguns caciques destacarem-se, cada aldeia ou um conjunto de aldeias próximas constitui uma unidade, sob a liderança de um chefe. As observações de Maybury-Lewis esclarecem também as funções que correspondem à figura de "cacique". Este é mais um coordenador dos interesses da comunidade, e menos um senhor que "manda".

"Cada chefe (...) desincumbe-se das obrigações impostas pelo cargo no âmbito de sua comunidade apenas, onde ele é, por definição, o líder de uma facção dominante. Seus poderes, no entanto, são surpreendentemente limitados em vista do modo pelo qual ele atinge e resguarda a sua posição. Na verdade, é um pouco arriscado falar dos poderes da chefia - pois isto pode gerar mal-entendidos - embora eu tenha, para facilitar a compreensão escrito o cargo em termos da acepção Xavante do locus do poder. Um chefe, mesmo quando tão forte quanto Apöwe, não pode dar ordens, ou seja, dizer aos outros o que fazer, amparado no conhecimento geral de que a desobediência resultará em punição. O chefe tem à sua disposição apenas uma sanção extrema: a mobilização de sua facção visando a coagir os que se opõem a ele. Paradoxalmente, ele não pode, via de regra, aplicar esta sanção sem o consentimento de praticamente toda a comunidade. Se o fizesse, provocaria uma cisão em seu grupo, o que resultaria na expulsão ou aniquilação de seus oponentes e, consequentemente, na ameaça à estabilidade e à força numérica de sua comunidade. Essa situação, por sua vez, minaria a própria base da dominação de sua fação e, consequentemente, a sua posição de chefe. A tais medidas, portanto, só se recorre em situações desesperadoras ou como um dos lances de um jogo calculado cujo objetivo seja o estabelecimento, por meio de um só golpe, da facção dominante em uma posição inexpugnável. Em contrapartida, esse lance contém a esperança de que suas conseqüências não levem a própria comunidade a se cindir. O expurgo do clã ÖWawe, de São Domingos, foi um exemplo desse procedimento. A comunidade conseguiu sobreviver e sua facção despontou mais forte que nunca. Não é difícil avaliar as razões que os levaram a dar tal passo: basta considerar como seria muito mais perigosa hoje para a posição de Apöwe (e de sua facção) a existência do desafio de um homem como *Tsuwapté*, caso um grande número de seus companheiros de clã não tivesse sido eliminado da comunidade, de um modo ou de outro" (Id.:257-8).

"Quando os Xavante pensam nos poderes de um chefe específico, tem como referência relações entre facções que contém uma semelhança intrigante com o nosso próprio pensar a respeito das relações entre as grandes potências mundiais. Uma fação dominante tem à sua disposição um mecanismo de 'ação inibidora maciça', que eqüivale a declarar guerra ao resto da comunidade e só raramente pode ser usada. Em situações cotidianas, é muito mais importante uma 'ação inibidora restrita', menos explícita: trata-se da habilidade com que a facção dominante usa seu prestígio e seus hábeis oradores para excomungar seus inimigos nos momentos em que perde o apoio de um grupo razoavelmente grande de membros do conselho dos homens" (Id.:258).

"Assim, a função do chefe é muito mais influenciar a opinião pública do que dar ordens. É portanto, especialmente importante estabelecer a distinção entre o seu poder e a sua habilidade de

Acervo ISA

influenciar os outros. A essa última, chamo prestígio. um homem não pode aspirar à chefia a menos que tenha prestígio, e uma vez ocupando aquela posição, ele só pode agir como chefe por meio do exercício do prestígio. A sua reserva de poder garantida por sua facção é a condição necessária para que se torne um chefe mas não é suficiente para que ele possa desempenhar efetivamente esse papel. Entre os Xavante, não se espera que os chefes mais fortes usem seu poder assim como não se espera que os bancos mais seguros disponham de suas reservas" (Maybury-Lewis, 1984:259).

A um chefe correspondem as qualidades seguintes: "auto-afirmação, habilidade de oratória, vigor físico e conhecimento do cerimonial. Esta última é a menos importante. No caso pouco provável de um indivíduo que não possua as demais qualidades obter um conhecimento profundo do cerimonial, isto por si só não lhe garantiria distinções significativas. As outras qualidades estão, em geral, inter-relacionadas: um homem provavelmente não conseguirá ser um bom orador a menos que seja firme; provavelmente não será nem bom orador nem uma pessoa segura, a menos que seja (ou tenha saído) um bom caçador e um bom corredor. Um homem rápido, bom caçador, que soubesse cantar e dançar bem e tomasse a frente nas atividades comunais, fazendo discursos admoestatórios ou exortativos, corresponderia ao paradigma das virtudes prezadas pelos Xavante. Uma combinação de todas essas qualidades, porém, não garantiria o título de *ídzú* se ele não pertencesse à facção do chefe. Ele certamente teria prestígio entre seus companheiros mas apenas a combinação de prestígio e influência política através de uma facção forte poderia fazê-lo chegar ao status de *ídzú*. O máximo que ele poderia esperar seria conseguir fazer manobras políticas visando a fortalecer sua facção" (Id.:259-260).

"A partir do momento em que se torna chefe (*hö 'a*), um homem pode usar não só o seu próprio prestígio como também o poder de coerção de sua facção. Este pode ser muito pequeno, como aconteceria em São Marcos, onde as várias facções lutavam equilibradas. Mesmo quando a facção do chefe tem um poder considerável, como em São Domingos, este não pode ser usado a não ser como um último recurso. Nas questões quotidianas, portanto, o chefe conta basicamente com seu prestígio para influenciar a comunidade" (Id.:260).

"Ele o faz no conselho dos homens, essencialmente, onde é o orador principal e no qual apenas o chefe tem o privilégio de expor suas idéias sem o discurso concomitante de um opositor. Ele levanta todas as questões cuja discussão julga conveniente. Suas opiniões a respeito, colocadas com eloquência e grande capacidade de persuasão, são as que a assembléia reunida ouve em primeiro lugar. Os homens não são forçados a aceitar estas opiniões e eles podem - e de fato o fazem - discutir com o chefe e rejeitar suas sugestões" (Id.:260).

"Habitualmente o chefe, longe de agir simplesmente como líder de uma facção dominante que pode impor seus desejos à força, atua como o pólo central de toda a comunidade. Ele é o porta-voz e, nos resumos que faz no conselho dos homens, ele tenta expressar o consenso geral em lugar de apresentar a visão de grupos específicos. Ele é o representante da comunidade, e embora não haja necessidade de representá-la perante estranhos, ele o faz perante seus próprios

membros. Para estes, o chefe é um símbolo muito especial da integridade de toda a sua comunidade frente às demais. É por isso que as funções cerimoniais mais importantes do chefe são aquelas nas quais ele age como a própria comunidade corporificada, em oposição às facções que a constituem" (Id.:262).

O chefe situa-se como representante de uma comunidade na qual pode estar latente o faccionismo, já que nem todos os elementos pertencem ao mesmo clã, em decorrência das regras de casamento. A sua política oscila entre as lideranças e o faccionisno.

"O faccionismo de uma comunidade Xavante a nível local está inexplicavelmente ligado a um sistema mais amplo de alianças e inimizades que permeia a sociedade Xavante como um todo. Os Xavante tem parentes em outras comunidades e sabem que tem parentes potenciais (*waniwimhã*) mesmo nas aldeias em que não conhecem nem uma única pessoa. Este é um fator extremamente importante para seu raciocínio. Sentem que essas comunidades, qualquer que seja a distância a que delas se encontrem, são parte de seu sistema social. Seus membros não apenas falam a mesma língua e tem as mesma instituições mas endossam o mesmo conjunto de idéias a respeito do equilíbrio de poder dentro de cada aldeia. São comuns também as opiniões relativas à possibilidade de separação de indivíduos e grupos em relação à aldeia original. Para os Xavante, não é nem mesmo necessário saber onde essas outras aldeias estão localizadas. Muitos tinham apenas uma idéia muito vaga do número total da população Xavante e dos territórios ocupados pelo seu povo. Interrogam-me a respeito das aldeias que eu porventura tivesse visitado a uma distância muito grande dali, talvez até no meu próprio país. Sabiam, no entanto, que minha terra ficava no outro lado do mar. Achavam que tudo que acontecia em outras comunidades Xavante, mesmo remotas, potencialmente os afetava, principalmente porque, a qualquer momento, poderiam desejar transferir-se para lá" (Id.:266).

Se o faccionismo é um fator de coesão e divisão política, que dinamiza a sociedade Xavante, esta se une nos momentos de ritual, dentre os quais, talvez o mais conhecido seja o da 'corrida de toras de buriti'.

"Os Xavante, assim como todas as outras tribos Jê, fazem corridas de toras de buriti em conexão com cerimonias importantes. Não as realizam com a mesma freqüência que alguns povos Timbira - para quem as corridas constituem atividades quase diárias. Tampouco as realizam com a mesma freqüência que os Xerente contemporâneos que, diante da perda da maior parte de seu cerimonial tradicional, apegaram-se avidamente às corridas de tora. Para os Xavante, no entanto, um *wai'á* não pode ser realizado sempre seja precedido por uma corrida de buriti. O mesmo se aplica às cerimônias da iniciação: algumas de suas fases incluem necessariamente a realização dessas corridas. Em conexão com outras cerimônias podem, igualmente, ser realizadas. O *wai'á* e a iniciação, porém, exigem, para sua plena realização, a inclusão de corridas de tora" (Maybury-Lewis, 1984:310).

"A decisão quanto à sua organização é tomada pelo conselho dos homens e, geralmente, na noite da véspera da sua realização. Os rapazes distanciam-se da aldeia e, no cerrado, cortam os dois troncos

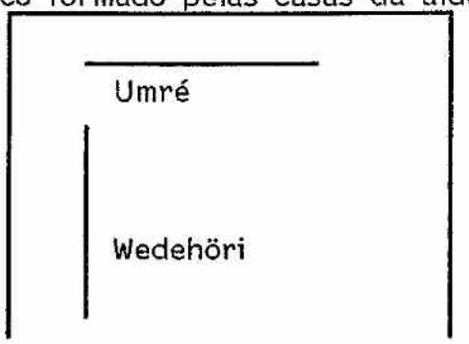
de buriti que serão carregados durante a corrida. Cortam toras de, aproximadamente 90 cm de comprimento. Ao cortá-las, os rapazes procuram assegurar-se de que as toras tenham aproximadamente a mesma espessura e no mesmo comprimento. Não há, no entanto, procedimentos elaborados visando à verificação de seu peso respectivo, equivalentes aos testes que caracterizam algumas corridas entre os Xerente. os Xavante parecem não se incomodar com o fato de uma das toras ser visivelmente mais pesada que a outra. Os Xavante não pintam nem ornamentam suas toras. Após o corte, elas são deixadas no ponto de partida da corrida e cada uma é colocada em um dos do caminho que será trilhado pelos corredores" (Id.: 310-1).

"Pouco depois do meio-dia, todos os homens dirigem-se até o local onde as toras foram deixadas. Nem todos, porém, vão exatamente até o ponto de partida: Muitos, dentre os mais idosos, tomam posição ao longo do caminhão que será percorrido pelos corredores e esperam a tora passar. Nesse momento, juntam-se aos demais. Assim procedendo, poupam-se, não perfazendo o percurso completo. Os representantes da categoria de idade constituída pelos rapazes sempre fazem questão de participar da corrida desde o seu início. Junto à toras, os corredores separam-se, organizando dois times. Cada uma eles é constituído, ao menos em teoria, pelos membros da classe de idade alternadas. o resultado final deveria ser um par de metades tendo a idade por critério constitutivo. Nem sempre, porém, isso é efetivamente realizado. A corrida tem início quando três ou quatro participantes de cada time suspendem as toras e as colocam no ombro do primeiro representante de cada metade a carregá-la. No curso da corrida, ele será mais de uma vez substituído nessa tarefa. Ao dar início à corrida, com as toras apoiadas nos ombros, esses dois homens movimentam-se com a maior rapidez possível embora, dado o peso da tora, não deixem de cambalear um pouco até conseguiram firmar-se. Toda vez que se mostram cansados, seus companheiros de time se oferecem para tomar seu lugar; outras vezes, oferecem-se espontaneamente. A tora, nesses momentos, passa de um ombro ao outro sem que a corrida seja interrompida. O substituto faz um grande esforço e, quando se cansa é, por sua vez, também substituído. nessa meio tempo, seus parceiros de time correm pelos lados da trilha por onde são conduzidas as toras, desviando-se das árvores e pulando os arbustos atrofiados e retorcidos, típicos do cerrado. Ao atingirem a aldeia, os dois times dirigem-se com suas toras, ao pátio central. Ali, um deles atira uma delas ao chão, junto ao local de reuniões dos homens maduros; a outra é levada até o *warã* dos rapazes" (Id.:311-2).

Assim como os aspectos acima expostos revelam uma estrutura organizacional manifesta em detalhes, também os jovens a serem iniciados, obedecem a regras determinantes.

"Uma vez pintados, tem início o período de jejum dos iniciandos sob a supervisão dos homens mais velhos. O *Umretede'wa* sentam-se em uma série de esteiras colocadas lado a lado e os *Wedehöri'wa* sentam-se, juntos, em um local diverso. Suas posições relativas, tal como pude observar na cerimônia que assisti em São Marcos, estão ilustradas pelo diagrama abaixo" (Maybury-Lewis, 1984:323).

Arco formado pelas casas da aldeia



(Id.:323).

"Os 'donos de *umré* levam consigo maracás que usam em sua dança; os 'donos de *Wedehöri* se levantam e formam uma fila diante dos *Umré*. Dançam, então, dirigindo-se aos que estão sentados, voltando, em seguida, ao ponto de partida, carregando suas bordunas em seus braços, movimentado-os de tal forma que parecem as estar embalando. Quando acabam de dançar, permanecem do lado oposto ao dos *Umré* que dançam agora, muito curvados, ao redor dos *Wedehöri*, com seus chocalhos, marcam o ritmo da dança" (Id.:323).

"Quando os *Umré* retomam sua posição inicial, todos os membros dos dois grupos voltam a sentar-se em suas esteiras. Permanecem sob o sol quente o dia todo, repetindo essas danças de tempos em tempos. Não podem comer ou beber coisa alguma durante o dia e não podem banhar-se durante todo o período de seu jejum" (Id.:323).

Se os Xavante obedecem a uma disciplina no ritual de iniciação, executam também rituais que manifestam a agressividade relacionada à sexualidade. Segundo Maybury-Lewis:

"(...) o *wai'á* é um ritual de ferocidade. Esta ferocidade é transmitida por *Tsimihöpãri* aos celebrantes e seus símbolos são as *tipe* e as *tisi'uibró*. (...) os Xavante pensam nas *tsi'uibró* como um símbolo fálico. Podem, portanto, ser utilizadas para representar o aspecto sexual de ferocidade - em termos gerais, o poder sexual. Por contraste, os *tipe* representam o aspecto não-sexual da ferocidade, ou seja, o poder agressivo. Já que a capacidade de procriar é uma característica do poder sexual, parece que os Xavante, ao estabelecerem uma distinção entre as *tipe* e as *tsi'uibró*, estão diferenciando o poder gerador do poder não-gerador ou, nos termos de Freud, entre sexualidade e agressividade" (1984:333).

"Essa interpretação tem a vantagem de tornar imediatamente compreensíveis outros elementos centrais do *wai'á*. Os líderes cerimoniais portam bordunas *uibró* durante o ritual, símbolos de

sexualidade mais agressividade. Quando os celebrantes entram na aldeia, sua dança faz alusões ao ato sexual. Quando chegam ao fim, correm para golpear a palha da cobertura das casas à sua volta, onde as mulheres estão confinadas. Por fim, uma combinação de sexualidade e agressividade dificilmente poderia ser mais adequadamente expressa do que por meio de um estupro cerimonial" (Id:333-4).

Na análise de Maybury-Lewis aparecem "significados" relativos à cultura Xavante. Essa análise procura, com o máximo de rigor, desvendar o sentido latente em cada gesto ou rito.

"Há (...) uma conhecida ambigüidade no uso do termo 'significado'. Significado para a sociedade que realiza o ritual ou significado para quem o analisa? Parece pouco provável que um Xavante se propusesse ou de fato analisasse o simbolismo do *wai'á* nos termos em que o fiz. Seria isso uma indicação de que, para os Xavante, os símbolos não significam aquilo que afirmei? Caso contrário, em que sentido, então pode-se dizer que eles "significam" o que eu digo que significam e para quem?" (Id.:338)

"Creio que dispomos da necessária fundamentação para aceitar a idéia de que, freqüentemente, as pessoas podem não ter consciência de fatos importantes que ocorrem em sua própria sociedade. Isso não significa que os fatos deixem de ser verdadeiros. Quando Hollingshead (1949) e Warner (1949) publicaram seus estudos clássicos de pequenas cidades americanas, propuseram-se a demonstrar que, apesar do que se dizia a respeito de se tratar de uma 'sociedade sem classes', as comunidades descritas eram, na verdade, estratificadas. Muitos dos habitantes dessas comunidades confessavam-se desconhecedores dessa estratificação mas os sociólogos defendiam a idéia de que, mesmo assim, a população tendia a se comportar como se tivesse dela plena consciência" (Id.: 339).

"Escolhi deliberadamente este exemplo simples - poder-se-ia dizer até simplista - para marcar minha posição. Se as pessoas se comportam como se tivessem consciência do modelo, o grau de consciência real passa a ter, então, importância do modelo, apenas secundária. São esses modelos "como é" que Lévi-Strauss chamou de 'modelos inconscientes'(1953): as pessoas não se dão conta dos princípios ou, de qualquer forma, não sabem explicitá-los; eles, no entanto, regulam de fato seu comportamento" (Id.: 339).

O primordial é apresentado no final da análise de Maybury-Lewis, quando apresenta o modo pelo qual o Xavante distingue-se da natureza, a partir de diversos mitos de origem.

"(...) uma menina descobre o milho, que lhe é dado pelos periquitos; um menino descobre o fogo, que lhe é dado pela onça. Essa duas estórias são mitos de origem porque tratam da transformação dos homens, de animais a humanos. Antes de possuir milho e fogo, os Xavante só se alimentavam de madeira apodrecida (como os animais) que, razoavelmente macia, poderia ser mastigada e não exigia nenhum preparo. Ao adquirir o milho, passaram a ter alimento adequado; ao adquirir o fogo, puderam preparar o alimento ao invés de comê-lo cru. As estórias expressam, portanto, a passagem do estado de Natureza para o estado de Cultura. Os Xavante não parecem dar importância a especulações relativas às origens da própria Natureza" (Id.:351).

Mesmo que os Xavante não especulem muito, esta referência a seu Gênesis é importante para marcar seu lugar no contexto da humanidade, na qual tem direito à sua singularidade cultural.

7. Queiram os senhores peritos, prestar quaisquer outras informações julgadas necessárias.

As informações adicionais estão incluídas no Apêndice abaixo.

Acervo ISA

Apêndice

Maybury-Lewis, ao chegar próximo a uma aldeia Xavante, descreve-a clara e suscintamente, de forma semelhante como a podemos encontrar nos dias atuais.

> "Cerca de vinte grandes cabanas cobertas de sapé, em forma de colmeia, estavam alinhadas num longo oval, aberto de um dos lados. No centro, havia duas clareiras circulares de terra limpa. Era bom demais para ser verdade! Os lugares de encontro das duas metades!" (1990:241).

Um habitat implica diversas aspectos, como qualidade do solo, clima, hidrografia, vegetação e animais. Nesse conjunto, um dos elementos essenciais à sobrevivência física e cultural de qualquer povo é a água. Para os Xavante a água reveste-se de significados singulares, como transparece em alguns estudos.

A conservação das nascentes que abastecem os cursos de água que penetram e percorrem a Área Indígena Areões, é de suma importância. Os Xavante se afastaram dos grandes cursos de água, devido à sujeira que os brancos lançavam em suas águas. Procuraram estabelecer-se em cabeceiras, sujeitando-se a carência temporária de água. A propósito, a análise de Giaccaria, no seu artigo: "Significado da água na cultura Xavante", esclarece:

> "A 'água viva' dos grandes rios, assim como a 'água morta' dos grandes lagos, é povoada por espíritos. Nos rios habitam os espíritos bons, os *ötedewa*, e nos lagos os maus, denominados *Uutedewa*".
>
> "Assim que nasce, o Xavante recebe o seu primeiro banho: imediatamente depois de cortado o cordão umbilical, o recém-nascido é levado ao centro da casa e recebe abundante ducha de água fria, obtida no rio. Perguntando ao velho Jerônimo se a finalidade do banho era a de limpar a criança, recebeu-se a surpreendente resposta de que servia para fazê-la crescer forte e bela".
>
> "O Xavánte vai ao rio várias vezes por dia para tomar banho. Fica agachado na água rasa e, com as mãos, molha a cabeça e as costas. Só depois deste rito, é que mergulha, nada e se lava".
>
> "Além do banho simples, há outros, que são partes essenciais de determinadas cerimônias, com finalidades diversas. Entre eles, o "Banho do Noivado", que tem por finalidade específica tornar as crianças fortes e bonitas, colocar as bases do noivado e unir mais intimamente as famílias dos futuros esposos" (Giaccaria, 1978:96-98).
>
> Durante a caçada de vários meses, que é parte dessa cerimônia, "... o banho do noivado continua, mas só pela manhã, porque de tarde se faz a distribuição da carne (o que leva muito tempo). São sempre os anciãos que dirigem a cerimônia do banho, e somente fazem exceção quando as mães que conduzem as filhas ao rio se queixam do cansaço das pernas" (Giaccaria, 1978:103).

"Em todas as iniciações, o banho ocupa uma parte importante como rito que às vezes se vai repetindo durante meses. É o caso da iniciação à puberdade e da perfuração das orelhas: estando todos

pintados, logo no começo da festa, os *wapté* se dirigem para o rio, passando por fora da aldeia, segundo as instruções dos padrinhos. Os mais velhos mergulham primeiro, depois vários outros grupos etários, em ordem decrescente de ancianidade, até chegar a vez dos *wapté*. A partir deste momento eles não poderão acender fogo, nem forrar o solo com folhas para sentar-se.

"Na água, os *wapté* imergem as mãos unidas em forma de concha e, acompanhando com os pés o movimento das mãos, jogam água ora para a direita, ora para a esquerda, ora sobre a cabeça. Almoçam sentados na água, comendo uma broa de milho assada debaixo de brasas. Ao acaso, um velho da aldeia vai até o rio para chamá-los e juntos retornam às casas paternas. As irmãzinhas pintam o corpo do *wapté* com listas pretas de carvão; em seguida, ele se deita na cama de seu pai. Mas na calada da noite, deve levantar-se e ir dormir ao relento numa esteira estendida perto da casa, sobre um estrado de folhas". (...)

"O banho ritual, com as cerimônias conexas, se estende por um mês ou mais. Segue-se a perfuração dos lóbulos das orelhas com um estilete de osso de onça e depois os banhos continuam por mais alguns dias. Segundo os Xavánte, é um meio para anestesiar os lóbulos e também para tornar o corpo forte e belo." (Giaccaria, 1978:104-105).

O mesmo autor escreve a respeito da importância da água e a prática de banho em cerimônias como a da "Iniciação nos segredos da tribo", "Iniciação dos *Dzutsiwa* (chefes da festa da onça) e dos *Wa'rã* (panteras negras)", e sobre efeitos diversos obtidos mediante banhos, a saber: para impedir fecundação; para fazer chover; para curar de doenças; para eliminar o cansaço, este tido como uma espécie de doença. Em oposição, há também o "senhor da seca".

Para o Xavante, em suma, "a água corrente, a água viva, que entra na maioria dos ritos, tem (...) um rico simbolismo. É fonte de vida, força e beleza. Todas as vezes que perguntamos pelo porquê dos vários tipos de banhos, obtivemos como resposta: : *~I hoy petre dã*' (*~iho* = pele humana, isto é, todo o corpo, a pessoa; *y* = eufônico; *da* = sufixo que transforma o substantivo em verbo e indica finalidade; para; *petre da* - arrumar, reparar, tornar belo, forte são). Em suma, a água serve para tornar o homem forte, belo e sadio".

"Enquanto para outras tribos a orientação da aldeia é regida pelo sol, entre os Xavánte a localização tem como marco de referência o curso de água." (Giaccaria, 1978:107).

Para aprofundar a compreensão da importância mais abrangente relativa à conservação da qualidade das águas, implicando na conservação de todo ecossistema, ao qual os Xavante se adaptaram de forma singular, através de longo processo e dedicada elaboração cultural, buscamos algumas reflexões em Morán (1990).

"A Amazônia e as populações nativas que durante séculos conviveram nela encontram-se hoje ameaçadas. Possuidora da maior diversidade biológica do planeta e habitada por diversos grupos étnicos autóctones (entre eles os Xavante), a região experimenta níveis de desmatamento que ameaçam a sobrevivência dos povos autóctones e o patrimônio biológico contido na floresta. As mudanças que tal desmatamento poderiam trazer no ciclo hidrológico e no clima

Acervo ISA

poderão influir também em áreas do sul e do centro do Brasil que produzem alimentos para as grandes populações do país. A perda da diversidade biológica constitui o efetivo empobrecimento de brasileiros ainda por nascer"(Morán, 1990:23).

Os Xavante incluem-se na "heterogeneidade das populações que têm habitado a Amazônia, o que reflete a diversidade do ambiente. Essas sociedades são produto do contato interétnico, de processos históricos particulares, da ação das missões religiosas e da natureza da intervenção do Estado. Além disso, elas refletem as diferenças do ambiente físico do qual obtêm sustento físico e espiritual, de diferenças em estruturas demográficas, do impacto das epidemias e da área disponível hoje para manter um certo grau de autonomia (Oliveira 1988:66)" (Morán, 1990:24).

"Uma compreensão das relações entre o homem e o meio ambiente amazônico deve incluir no mínimo uma avaliação de como tal adaptação, ou mal-adaptação, ocorre. Na análise desse processo, precisamos incluir fatores que atuem a longo prazo assim como respostas a curto prazo. Como o processo adaptativo nunca é perfeito, temos que investigar os fatores que exercem pressão sobre o homem e que o condicionam a responder ou não às pressões existentes" (Morán, 1990:26).

"As relações homem/ambiente foram sempre imperfeitas. A interação entre Homo Sapiens e o meio ambiente físico se caracteriza por uma mistura de uso e conservação. **Cada sociedade inventa critérios únicos que consagram a maneira pela qual os recursos devem ser utilizados** (gn). O homem, da mesma forma que tantas outras espécies, geralmente se reproduz e cresce até os limites que o ambiente permite. As vezes, responde antecipadamente aos limites ambientais corrigindo seu comportamento reprodutivo e seu uso dos recursos ambientais. Fome, competição com outras espécies ou sociedade, doenças e outras forças ambientais limitam o tamanho e a condição física de qualquer população" (Morán, 1990:27).

"Os mitos de cada sociedade consagram as relações homem/ambiente, em alguns casos identificando nossa origem a partir de outras espécies, criando, em outros casos, antagonismos ou regulamentando o uso de algumas espécies. Dessa maneira, alguns consideram que a ideologia judeu-cristã, baseada no livro do Gênese, onde "Deus deu ao homem o comando sobre a natureza", está por trás do comportamento utilitário das sociedades desta tradição cultural e religiosa. Em contraposição, sociedades nas quais os mitos indicam que nossa alma pode algum dia habitar no corpo de um animal (hindu), ou que liga nossa origem a espécies do mato (muito encontrado em muitas sociedades da Amazônia), mostram maior cuidado no uso da natureza. **Somos produtos de nossa história cultural e política** (gn)" (Morán, 1990:28).

"... a economia capitalista se expandiu por grande parte do planeta e é responsável por grande parte do crescimento populacional e pelos altos níveis de consumo de milhões de pessoas. Não obstante, é também responsável por muitos dos problemas que hoje enfrenta a humanidade: poluição, destruição ambiental, doenças crônicas como a hipertensão e o câncer, desnutrição e exterminação de grupos étnicos" (Morán, 1990:29).

Acervo ISA

"Uma sociedade relativamente autônoma, como por exemplo algumas das populações mais isoladas da Amazônia, terá relações íntimas e de profunda familiaridade com o meio ambiente do qual depende para suprir suas necessidades. Enquanto que uma sociedade na qual as comunidades são interdependentes e especializadas, como por exemplo as populações urbanas, dependerá tanto ou mais das suas relações institucionais com outras comunidades do que do ambiente físico para sua sobrevivência. Portanto, quando falamos das relações entre o homem e o ambiente, temos que observar com precisão o grau de relacionamento entre a população humana e seu ambiente. Em alguns casos, o ambiente com o qual interage a população é um ambiente físico (a natureza), enquanto que em outros casos tal ambiente será principalmente as instituições sociais (i.é, a sociedade). com a possível exceção dos bandos primitivos (i.é, sociedades caçadoras/coletoras), as comunidades humanas dependem da mediação social tanto ou mais do que dependem do ambiente físico. Portanto, as relações ambientais do Homo Sapiens só podem ser compreendidas se inclui o papel da cultura e das instituições sociais que intervêm entre nós e o ambiente (Ellen 1982)" (Morán, 1990:37).

O ambiente pode ser entendido adequadamente, a partir da maneira pela qual é reconhecido pela população. (Cf. Morán, 1990:59).

Conforme os dados etnográficos apresentados por Giaccaria (1978), determinados rituais Xavante apresentam adaptação específica ao meio ambiente, particularmente na relação com a água. "Cada sociedade têm uma relação com o meio ambiente em função de uma ideologia particular, existente dentro de uma cultura que socializa seus membros" (Morán, 1990:67).

Acervo ISA

Bibliografia

BALDUS, H. "Contribuição à lingüística gê. Miscellanea Paul Rivet octogenario dicata, II. México 1958, pp. 25-41.[1836][23]

BAPTISTA, Angela Maria, - "Imemorialidade da Presença Indígena, Pimentel Barbosa e Parabubu" (Informação s/n/DID/DGPI - Ref.: Memo.no,60/PJ/81), 1981.

BELTRÃO, Luiz - "O índio, um mito brasileiro". Petrópolis, Vozes, 1977.

BRASIL, Americano. "Cunha Mattos em Goiaz. 1823-1826." Revista do Instituto Histórico Geográphico Brasileiro, tomo 96, v. 150 (1924), Rio de Janeiro 1927, pp. 177-251. [238]

CAMPOS, Murillo de. "Interior do Brasil." Rio de Janeiro 1936.[274]

CASTELNAU, Francis de. "Expeditions dans les parties centrales de l'Amerique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, e de Lima au Para". Histoire du voyage. 6 tomos, Paris 1950-1951. [301]

COSTA JÚNIOR, Paulo José (coord) - "Código Penal e sua interpretação jurisprudencial". São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1984, pp. 376-377.
Ramos, Alcida Rita "A sociedade indígena". São Paulo, Ática, 1986.

DALLARI, Dalmo de Abreu "Argumento Antropológico e linguagem jurídica". in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 107-114.

DAVIS, Shelton "As vítimas do milagre - o desenvolvimento e os índios do Brasil". Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1978.

DURUORE, J. "Sur le Fleuve de la mort". 1936.
EHRENREICH, Paul. "Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: I. Die Sprache der Caraya (Goyaz)". Zeitschrift für Ethnologie, XXVI, Berlin 1894, pp. 20-37, 49-60; III. "Die Sprache der Akuä oder Chavantes und cherentes (Goyaz) XXVII, Berlin 1895. [437]0

FARIAS, Agenor José T. P. "Fluxos sociais Xerente - organização social e dinâmica das relações entre aldeias". São Paulo, Tese de mestrado em Antropologia Social, Dep. de Antropologia, FFLCH da USP, 1990.
- "Ritual e parentesco na sociedade Xerente contemporânea", in Rev. de Antropologia, vol. 37. São Paulo, Departamento de Antropologia, FFLCH, USP, 1994.

FRANCHETTO, Bruna "Laudo Antropológico - A ocupação Indígena da Região dos Formadores e do Alto curso do Rio Xingu", Abril de 1987.

---

[23] Os números entre colchetes [ ] correspondem à numeração da "Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira".

GARDNER, George. "Travels in the interior of Brazil, principally through the northern provinces, and the gold and diamond districts during the years 1836-41." London 1846, xxi. tradução portuguesa: São Paulo 1942, série Brasiliana CCXXIII. [555]

GIACCARIA, B. e HEIDE, A.
"Xavante - Povo Autêntico". São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1972.
--- "Significado da água na Cultura Xavante". in Rev. de Antropologia Vol 21, I parte. São Paulo, EDUSP, 1978.

GOMES, Mércio - "Os índios e o Brasil". Petrópolis, Vozes, 1988.

GALLAIS, Estevão-Maria. "O apóstolo do Araguaia Frei Gil Vilanova, missionário dominicano. "Adaptação portuguesa por Frei Pedro Secondy e soares de Azevedo. Conceição do Araguaia 1942. [547]

GONÇALVES, Wagner "Terras e ocupação tradicional - aspectos práticos da perícia antropológica",in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 79-87

GROSS, D. R. "A new approach to Central Brazilian social organization. In Brazil: anthropological perspectives, edited by Maxine L. Margolis and William E. Arter. New York, Columbia University Press, 1979, pp. 321-342. [3484]

GRUPIONI, L. D. B. (org.) "Índios no Brasil". São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

GUARIGLIA, Guglielmo "Gli Xavante in Fase Acculturativa". Milão, Vita e Pensiero, 1973.

HEUN, Eugen. "Nahrungsenthaltung bei Indianer - Stämmen Südamerikas". Zeitschrift für Missions Wissenschaft und Religionswissenschaft, Band 57, Heft 4, Münster 1973, pp. 268-284. [3578]

LIMA, Lourenço Moreira. "A coluna Prestes (Marchas e combates)." São Paulo 1945. [869] {Obs. Chavantes = Cherente}

LOPES DA SILVA, Maria Aracy de Padua - "A questão da educação indígena". São Paulo, Brasiliense, Comissão Pró-Índio, 1981.
-"Xavante: Casa - Aldeia - Chão - Terra - Vida", in "Habitações Indígenas". Novaes, Sylvia Caiuby (org). São Paulo, Liv. Nobel S.A. / EDUSP, 1983.
--"Estudo do Laudo Antropológico assinado pelo Senhor Jurandir Brito da Silva, nos autos da Ação de Desapropriação indireta n. 10.535/83". São Paulo, USP - FFLCH - Depto. de Antropologia. Texto mimeografado. Arquivo CEDI, XVD 92, 1987.
- "Nomes e amigos - da prática Xavante à uma reflexão sobre os Jê". São Paulo, FFLCH/USP, Coleção Antropologia Vol. 6, 1987.
- "Prova pericial através do laudo antropológico" in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L.,

Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 19-30.

- "Histórico do Contato Xavante / Xerente. Versão inédita (CEDI), São Paulo, s/d.

LOWIE, Robert H. "A note on the Northern Gê Tribes of Brazil". American Anthropologist, N. S., XLIII, 1941, pp. 188-196. [906]

LUSTOSA, José da Cunha. "Informação respectiva dos índios da nação Cherentes confinante com a ribeira de Gilboé termo da villa de Paranaguá. documentos sobre duas tribus de índios, que ainda existiam em 1827 na Provincia do Piauhy." Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro II, Rio de Janeiro 1886, pp. 36-68. [911]

MACYNTYRE, Archie. "Down the Araguaya. Travels in the heart of Brazil". London s. a. (1923). [917]

MARIZ, Alceu Cotia, antropólogo FUNAI, "Relatório" {Área Indígena Areões}, Brasília, julho de 1985.

MAYBURY-LEWIS, David "Kinship and Social Organisation in Central Brazil. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists (Copenhagen 1956), Copenhagen 1958, pp. 123-135.[2385]

"The Akwe-Shavante: A test case of 'dual Organization' in Central Brazil. XXXV Congresso internacional de Americanistas (Mexico 1962), Actas y Memorias, II, México 1964, pp. 135-136. [2387]

"A Sociedade Xavante". Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves,1984.

"On Martius' distinction between Shavante and Sherente", in Revista do Museu Paulista, Nova Série, Vol. XVI. São Paulo, 1965/66 pp. 263-288. [2390].

"O Selvagem e o Inocente". Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

"Diet and Health in an Acculturated Tribe. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists (Copenhagen 1956), Copenhagen 1958, pp. 190-197.[ ]

MONTEIRO, Maria Elizabeth Brea, Antropóloga DGPI "Área Indígena de Areões - Mato Grosso", mimeo, 1986.

MENDES, Gilmar Ferreira " O domínio da União sobre as terras indígenas: o Parque Nacional do Xingu". Brasília, Ministério Público Federal, 1988.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini "Línguas Indígenas no Brasil Contemporâneo", in "Índios no Brasil", Organizado por Luís Donisete Benzi Grupioni. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp.93-104.

MORAN, E.F. "A ecologia humana das populações da Amazônia". Petrópolis, Vozes, 1990.

MOREIRA NETO, Carlos Araújo - "Índios da Amazônia, de maioria a minoria (1750-1850)". Petrópolis, Vozes, 1988.

MÜLLER, Regina Ap. Polo "A política do corpo e os ornamentos Xavante. Arte Visual e Comunicação social". Campinas, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

NAUD, Leda Maria Cardoso. "documentos sobre o índio brasileiro (1500-1822)." Revista de Informação Legislativa, 1a. parte, ano VII, n. 28, Brasília 1970, pp. 437-520; 2a parte, ano VIII, n. 29, Brasília 1971, pp. 227-336. [3948]

NIMUENDAJÚ, Curt. "Lingua serénte." Journal de la Société des Américanistes, N.S., XXI, Paris 1929, pp. 127-130. [1091]

"The associations of the Serénte". American Anthropologist XLI, n. 3, 1939, pp. 408-415. [1105]

"The Serénte". Transl. by Robert H. Lowie. Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund IV. Southwest Museum. Los Angeles 1942. [1106]

OLIVEIRA, João Pacheco de "Fronteiras de papel - o reconhecimento oficial das terras indígenas", in Rev. Humanidades, Ano V, UNB. Brasília, 1988, pp.91-102.

- "Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais". In *A perícia antropológica em processos judiciais,* organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 115-139

OLIVEIRA, J. Feliciano de "The Cherentes of Central Brazil". International Congress of Americanists, Proceedings of the XVIIIth Session, London 1912. Part II. London 1913, pp. 391-396. [1152]

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade étnica, identificación y manipulación". América Indígena, vol. XXXI, n. 4, México 1971, pp. 923-954. {em port. Itendidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976, pp. 1-31.} [3989]

PENNA, Túlio e LOPES DA SILVA, Aracy "Demografia Xavante: algumas reflexões iniciais". Salvador / São Paulo, mimeo, p.43.

PEREIRA NETO, Arsênio "Informação" nº 016 / 85 - AESP, Ref: Proc.FNI/BSB/2224/84". Brasília, 25.01.85.

PROPHETA, Benedicto. "O indigena brasileiro. Expedição entre as tribus selvagens da Ilha do Bananal e norte de Matto Grosso. Bahia 1926. [1255]

"O Brasil Central. Viagens e explorações". Revista do Instituto Historico e Gregraphico Brasileiro. Tomo especial: Congresso Internacional de Historia da América (1922), V, Rio de Janeiro 1927, princípio. 79-115. [1256]

RAMOS, Alcida Rita "Sociedade Indígenas". Ed. Ática, 1986.

RAVAGNANI, Oswaldo Martins - "A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos". In: Textos, n. 9, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 1991.

RIBEIRO, Darcy - "Os índios e a civilização - a integração das populações indígenas no Brasil moderno". Petrópolis, Vozes. 1982.

RIBEIRO, Berta - "O índio na História do Brasil". São Paulo, Ed. Global. 1977.

RIBEIRO, Franciso de Paula. "Descripção do território de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão". Revista trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro XII (1849), Rio de Janeiro 1874, princípio. 41-86. [1311]

RIMINI, Sabino da . "Tra i Selvaggi dell'Araguaya". Ancona 1925. [1323]

SAHLINS, Marshall "A primeira sociedade da afluência" in "Antropologia Econômica" (Organizador: Edgard Assis de Carvalho). São Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda, 1978, pp. 7-44.

SANTOS, Sílvio Coelho dos Santos - "Índios e Brancos no Sul do Brasil - a dramática experiência dos Xokleng". Florianópolis, Edeme, 1973.

- "Perícia Antropológica - comentários", in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 71-73.

SERPA, Paulo Marcos de Noronha "Laudo: território de ocupação Xavante - um estudo de ocupação imemorial Xavante do vale do rio Couto Magalhães". Justiça Federal de Mato Grosso, 1990.

SCHADEN, Egon. "Les religions indigènes en Amérique du sud." Encyclopédie de la Pléiade, Histoire des religions III. Paris, Éditions Gallimard, 1976, pp. 836-886. [4310]

SILVA, Vicent Ayres da. "Itinerario". Revista trimensal do Insituto Histórico Geographico do Brasil, XIV (1851), Rio de Janeiro 1879, princípio. 397-401. [1547]

SILVA, Orlando Sampaio - "Territórios indígenas no Tocantins", in Rev "Cadernos" n. 7, 1ª Série, Centro de Estudos Rurais e urbanos, São Paulo, 1974 pp. pp. 99-116. [4397].

SOCRATES, Eduardo Arthur. "Vocabularios indigenas". Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, LV, parte II, Rio de Janeiro 1892, princípio. 87-96. [1571]

SOUSA, Moacir Mendes, Procurador da República em Mato Grosso, "contestação", janeiro de 1989, incluso no processo, às fls 67ss.

SOUZA, Lincoln "Os Xavante e a civilização". Rio de Janeiro, 1977.

TUGGIA, Rafael. "Mappas dos índios Cherentes e Chavantes na nova povoação de Thereza Christina no rio Tocantins e dos índios Charaós da aldêa de Pedro Affonso nas margens do mesmo rio, ao norte da provincia de Goyaz". Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil XIX

(Tomo VI da terceira serie) 1956, Rio de Janeiro 1898, princípio. 119-124. [1678]

VALADÃO, Virgínia "Laudo Antropológico referente à Ação Ordinária n. 90.181-1 que Nelson Taveira e Nilson Simões da Luz movem contra a União Federal e Funai". Justiça Federal 2ª Vara do Estado de Mato Grosso, Mimeografado, 1994.

- "Perícias judiciais e relatórios de identificação", in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 36-41.

VIANNA, Urbino. "Akuen ou Xerente". Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 101, vol. 155 (1927), Rio de Janeiro 1928, princípio. 5-95. [1717]

WASSÉN, Henry. "Kort sammanställning om stmammarna serénte och apinayé efter brevmeddelande av Curt Nimuendajú". Göleborgs Musei Arstryck, Göteborg 1938, princípio. 63-65. [1745]

WELLS, James W, "Exploring and Travelling three Thousand Miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão". London 1886. [1757]

WENCESLAU, Marina Evaristo - "O índio Kaiowá: suicídio pelo Tekohá". São Paulo, Tese de doutorado em História Social, Dep. de História, FFCHL, USP, mimeo., 1994.

ZERRIES, Otto. "Holzgeschnitzte Menschen leben. Ein Mythologem und seine Kultischen Etnpsprechungen. Ein Beitrag zum Phänomen der antropomorphen Holzschnitzerei in naturvölkischen Südamerika". Paideuma, Band XIX/XX, Wiesbaden 1973/74, pp. 365-443. [4591]

Eugênio Gervásio Wenzel
Antropólogo, Perito do Juízo

Araras, 05.01.96.

Anexo 01 - Transcrição do texto:

Lopes da Silva, Maria Aracy de Padua "Estudo do Laudo Antropológico assinado pelo Senhor Jurandir Brito da Silva, nos autos da Ação de Desapropriação Indireta nº 10.535/83)". São Paulo, mimeo, 1987, pp.09ss.

HISTÓRIA XAVANTE

Comecemos pelos aldeamentos oficiais pombalinos, já referidos, tidos como "tentativas mais específicas" de contato com os povos indígenas, na opinião do laudo.

Em Ravagnani (1.977:39 , aprendemos que, entre 1.740 e 1.750, os aldeamentos eram, em realidade, prisões indígenas, para onde eram conduzidos os sobreviventes dos ataques dos bandeirantes. Sua administração obedecia a um regimento extremamente rígido, posto em prática pela presença de uma escolta militar e um padre jesuíta.

Em 1.757 foi aprovado pelo rei de Portugal o novo regulamento, redigido pelo Marquês de Pombal, que deveria ser cumprudo em todo o país. Tratava-se do Diretório dos Índios, que "....elevava os aldeamentos à categoria de vilas ou lugares conforme o tamanho que tivessem. O governo dessas vilas e lugares seria exercido pelos próprios indígenas. Estimulavam o casamento entre índios e brancos.

Aconselhavam a intensificação do uso da língua portuguesa" (Melatti, J., 1.977 : 43) . As vilas seriam governadas pelos próprios índios; cada aldeia teria duas escolas, casa da câmara e cadeia. Agrupavam-se nesses aldeamentos".....um número excessivo de índios, tirando-lhes a maior quantidade possível de terra, para que os colonos pudessem misturar-se com eles sem serem perturbados. A tarefa de aproximar os índios, pacificá-los era confiada às guarnições militares que, para atingir o escopo, usavam a técnica de criar capitães dentro da mesma tribo, com a concessão de privilégios particulares, para obter a colaboração deles e, por seu intermédio, dominar a aldeia". (Giaccaria e Heide, 1.972:14).

A política dos aldeamentos atingiu, a partir de 1.774 (Ravagnani O., 1.977 : 36 e segs.)milhares de índios: Javaé, Karajá, Acroá, Xacriabá, Kayapó e, finalmente, os Xavantes. Nesse período, as primeiras notícias que aparecem dos Xavantes nos são dadas por Alencastre. Datam de 1.775, quando foi fundado o aldeamento denominado São José de Moçâmedes, onde viviam os Acroá, Javaé, Carijó e, em menor número, os Xavantes. Este aldeamento localizava-se nas proximidades de Vila Boa, sede da Província, (Souza, L., 1.953 : 6 - 8)O aldeamento que concentrou um número extremamente significativo foi, sem dúvida, o de Pedro III, localizado no local conhecido como Carretão, edificado em 1.784, durante a gestão de D. Tristão da Cunha Menezes à frente do Governo de Goiás.

Segundo Ravagnani (1.977 : 66 - 75)a busca de contatos pacíficos com os índios visava, como já dissemos, à liberação das terras para a

lavoura e a pecuária e, acima de tudo, à liberação dos rios Tocantins e Araguaia à navegação. A esperança da economia regional assentava-se na possibilidade de comércio entre o norte (Pará e Maranhão)e o sul do país através dos rios. A sedentarização dos índios faria dos aldeamentos pousadas bem supridas para os navegantes que faziam o comércio e forneceriam mão-de-obra (remeiros e batedores)aos viajantes. " Os Xavantes entram para o convívio pacífico com o mundo dos brancos no momento em que estes estão com sua economia em pleno declínio, o que explica sua curta permanência nos aldeamentos" (Ravagnani, O., 1.977 : 72) (Folha 9).

Além do Carretão (onde seu número atingiu por volta de 3.500, segundo os autores mais bem fundamentados) e de São José de Mossâmedes, já mencionados, os Xavantes eram encontrados também, segundo o mesmo autor, noa aldeamentos de Salinas ou Boa Vistas - construído em 1788 para dividir os dois mil Xavantes que entravam em contato. os Xavante não aceitaram dividir-se e ficaram no Carretão; Estiva - cujo diretor era Frei Segismundo de Taggia e onde moraram também os Karajá e Caneoeiro; Tereza Cristina ou Piabanha -a aproximadamente 30 léguas de Porto Nacional, criada em 1851 abrigava, segundo NIMUENDAJÚ, apenas Xerente (1942:6) embora outros autores mencionem a presença dos Xavante ali; São José do Araguaia que segundo Ravagnani, fora fundada em 1863 pelo Governador Couto de Magalhães para reduzir os Xavante e os Karajá. Frei S. de Taggia encarregou-se da administração. para esta aldeia vieram os Xavante e Karajá da aldeia de São Joaquim do Jamimbu, fundada em 1845, também sob a direção do mesmo Frei (Ravagnani, 1977:78)

Nessa seqüência há, no entanto, dois momentos que é preciso distinguir: uma época de apogeu (1770-1790) e uma época de decadência (de 1790 até o final do século XIX). Segundo o autor em que nos baseamos aqui, o primeiro momento "se caracterizou pela redução de tribos numericamente grandes e estereotipadas como altamente "ferozes", por suntuosos aldeamentos, tanto em extensão de área construída quanto pelo tipo de construção... Mas a expansão e a manutenção desses aldeamentos implicavam em grandes gastos para os cofres reais". Os aldeamentos construídos no segundo momento "se caracterizavam pelas construções simples, localização em ponto estratégicos para a navegação do Tocantins e Araguaia ou como pontos avançados no sertão para garantir a tranqüilidade dos povoados, "(1977:79). Nessa época os aldeamentos transformaram-se em centro s de colonização, muitos não-índios passando a residir ali e expulsando gradativamente os índios (Moreira Neto, C1971 e Ribeiro, D., 1977:65)

Nem todos os Xavantes aldearam-se, porém. alguns grupos mantiveram-se arredios e a eles os remanescentes dos aldeamentos (especialmente os do carretão) foram juntar-se a partir de 1830-1840, fugindo assim dos maus tratos e trabalhos forçados, epidemias e o completo abandono por parte das autoridades. Em 1842, os Xavante atacavam o norte da Província e os ataques continuaram até o final do século XIX. (Ravagnani, 1977)

Reinicio dos conflitos armados. Sisões internas e a travessia do Araguaia

Acervo ISA

Uma compreensão maior das razões dessa mudança de atitude por parte dos Xavantes depende de um exame mais global da situação econômica e demográfica de Goiás a partir de meados do século XVIII. É Ravagnani quem nos dá, mais uma vez, essa visão (1977:88 e segs.): havia nesta época, uma certa especialização regional das atividades econômicas. As margens do Araguaia havia uma maior concentração da agricultura, enquanto que a pecuária desenvolvia-se principalmente às margens do Tocantins. A criação de gado favoreceu a dispersão da população em vasta área dos territórios até então ocupados pelos povos indígenas. Tudo propiciava a eclosão de choques entre índios e brancos: de um lado, os índios ex-aldeados, refugiados novamente em territórios não controlados pelos brancos, marcados pro experiências amargas de convivência, orientavam suas atitudes pelo sentimento de descrença e ódio aos brancos; de outro, os brancos entregues a atividades de comércio e agro-pecuária que reuniam poucas famílias a enormes distâncias umas das outras. Interrompidas as migrações com o declínio da produção aurífera, a população de Goiás diminuiu drasticamente e tornou-se, graças as novas atividades econômicas a que se entregou, rarefeita. Os arraiais tinhas, ao final do século XVIII, uma população insignificante, alvo fácil de ataques. "Em apoio aos colonizadores dessa nova frente de expansão agro-pecuária o Príncipe regente, em carta Régia de 5 de setembro de 1811, autorizou a guerra contra as tribos Karajá, Apinaué, Xavante e Caneiros"(Ravagnani, 1977:90). Incentivava-se a organização de bandeiras para "fazer guerra ofensiva". Eram organizadas com participação e suporte econômico de particulares em troca de favores do governo: concessão de terras e posse de servos indígenas durante quinze ou mais anos.

Coerentemente com essa política de agressão aos povos indígenas foi fundado, em 1812, o presídio de Santa Maria do Araguaia cujo objetivo era colocar em isolamento índios Xavante e Xerente. Esse mesmo presídio foi, no entanto, atacado por uma coligação de Xavante, Xerente, e Karajá, no ano seguinte, destuindo-o completamente (Ravagnani, O., 1977:91)

Os Xavante recuaram, então, para o norte mas foram barrados pelos Krahó. O mapa Etno-histórico de Nimuendajú indica sua presença junto a grupos Timbira (Krahó e Kanakateyé), a margem direita do Tocantins o ano de expulsos segundo Ravagnani (1977:91, baseado em Sampaio, T., 1912), dos Xavante para o sul do rio Manuel Alves Grande, por grupos Timbira.

A história dos Xavante é marcada por dois momentos importantes de cisão: a primeira teria acontecido por volta de 1820 e explica a separação entre Xavante e Xerente, subdivisões de um único grupo inicial. No início do século XIX, "formavam dois grupos distintos mais culturalmente muitos próximos"(1977:100). Habitavam um território comum, às duas margens do Tocantins, no Centro e Norte da Província de Goiás. As razões dessa separação foram devidas a experiência de contato intenso com os colonizadores. Esta primeira cisão teria tido lugar as margens do Tocantins, após a fuga do Carretão outros autores situam essa cisão em atas mais recentes, havendo certa controvérsia quanto a esse ponto: Maybury-Lewis calcula que teria ocorrido por volta de 1840 (1965:

1972:2); Souza. E. em 1856 (1958:1); Ciaccaria e Heide, por volta de 1860-70(1972:23)

A segunda ter-se-ia dado no cio do grupo que rejeita o contato (conhecido, então, como Xavante, em oposição aos que eram considerados "mandos" e designados por "Xerente") e, de novo, pelas mesmas razões. um grupo mais "ortodoxo"(Ravagnani, O., 1977:132) ter-se-ia desligado de outros que acatavam o contato e se dirigido à região do rio das mortes, que atravessou. Este grupo ter-se-ia chocado com os Karajá. Em 1844, é noticiada a presença de Xavante na ilha do Bananal. O líder desse grupo era Butsé, de acordo com as narrativas orais dos Xavante, registradas por missionários salesianos. Segundo os Xavante, haviam fundado uma aldeia às margens do Rio Araguaia, já afastando-se dos brancos. Como estes voltaram a importuná-los, os Xavantes resolveram atravessar o rio e fundar uma nova aldeia próxima ao rio Cristalino, Passado algum tempo, descobriram um acampamento e brancos que teriam vindo ao encontro deles com a finalidade de atacá-los. aproveitando as noites chuvosas da estação, resolveram fugir e atingiram o rio da Mortes, onde uma parcela do grupo atravessou o rio e a outra, com medo dos botos, permaneceu ao longo do rio (Giaccaria, B. e Heide, A. 1972:23). Um mito Xavante (Pdza 'öWatsu'u) narra a separação de um grupo em dois, no momento da travessia de um rio largo, a leste de seu habitat atual: assustados pelo boto, os Xavante teriam parado de cruzar o rio, separando-se, portanto (Lopes da Silva, 1984). Ravagnani, fundamentado em documentação da época, considera a passagem do boto como referente a segunda cisão ou seja, a que ocorreu entre os Xavante, depois de já separados dos Xerente. Esse grupo que cruzou o rio das mortes penetrando, assim, em território mato-grossense seria percursor dos Xavante atuais, enquanto os demais teriam sido extintos, já que não há mais, nos documentos da época, referências a eles depois de 1858 (Ravagnani, O. 1977:132). Em seu mapa Etno-histórico, Nimuendajú localiza, até 1844, os Xavante a leste do Araguaia mas em 1862, aparecem notícias da presença dos Xavante no leste do Mato Grosso.

Como pando de fundo de todos esses movimentos de cisão provocados pela divergência entre os Ákuen quanto às vantagens do contato amistoso com os brancos, vale a pena ainda mencionar uma nova alteração de orientação legal da atitude dos brancos para com os índios: o governo imperial estabelece o "Regulamento de 1845" pelo qual proíbe a violência e a repressão contra os índios. Na interpretação de Ravagnani, a nova lei vem em um momento em que a nova frente de expansão perdia o ímpeto inicial, já dominava extenso território e precisava da mão-de-obra indígena. Por outro lado, porém, a despeito da lei, as atrocidades contra as populações indígenas continuaram. (1977:96-98). a ambigüidade e as contradições do comportamento dos invasores, os grupos indígenas reagiram diferentemente o que, no caso dos Akwe, levou a sua fragmentação.

Os Xavante em Mato Grosso

Na região do Rio das Mortes conseguiram o isolamento que procuravam: ocupam uma "terra de ninguém" e durante os últimos trinta

anos do século XIX parecem não ter sido molestados (Maybury-Lewis, 1967:2). Em território mato-grossense, defendem seu território de colonizadores e intrusos, promovem constantes ataques aos pioneiros e às expedições de exploração que penetram seu território. Em 1854, por exemplo, Frei S. Taggia comanda uma expedição para "chamá-los à civilização" (Ravagnani, O., 1977;127)

É o caso também, da expedição chefiada pelo tenente-coronel Antônio Tupi Caldas, composta por onze praças e dois civis que chegam ao rio das Mortes, em 1887, para explorar a região e são atados pelos Xavante. Houve uma vítima de morte e os índios foram espantados a tiros (Ehrenreich apud SOUZA, L., 1953;17). Havia também nesse período, conflitos entre os Xavante e povos vizinhos (Ehreinreich apud Maybury-Lewis, d., 1967:2). "O novo habitat Xavante em terras mato-grossenses apresentava como limite sul o rio das Mortes que separava do território Bororô, de quem eram inimigos ferrenhos; a leste do rio Araguaia apartava-os do mundo civilizado e mais a nordeste dos índios Karajá, outra tribo inimiga; ao norte limitava-se com o rio Tapirapé, habitado pelos índios homônimos, único grupo com os quais os Xavante parecem não ter tido conflitos e a oeste a serra do Roncador isolava-os dos habitantes da região dos formadores do rio Xingu "(Ravagnani, O., 1977: 119). Os conflitos em Bororó e Karajá explicaram-se pela intrusão dos Xavante recém chegados, que disputam territórios até então controlados apenas pelos outros dois povos indígenas. Tratava-se portanto de disputas índios, em território ainda não habitado por brancos. Em 1906, os constantes ataques dos Xavantes aos Bororó fizeram com que estes se estabelecessem na colônia de Meruri, junto aos Salesianos (Souza, L., 1953:18), no rio das Garças. Diz Baldus que, "de medo de todos os seus vizinhos (brancos, a oeste, leste e sul e kayamo - termo pelo qual os Bororó designam os Xavante - ao norte), os Bororó vieram, há mais de trinta aos, às missões Salesianas"(1937:113), na verdade, não era por medo que os Bororó recuavam. Enfraquecidos pelas incursões freqüentes de bandeirantes e mineiros cuiabanos que fundaram em seu território numerosos arraiais e pela utilização de seus guerreiros na guerra contra os Kayapó meridionais, sob o comando de Antônio Pires de Campos, os Bororó não tiveram como enfrentar os Xavante na defesa de seu território (Ravagnani, O., 1977: 123).

Até início da década de 30, os Xavante eram tidos como extremamente "ferozes" e "sanguinários", reputação que lhes garantia, e aos povos mais afastados, alguma proteção. O medo de sua presença infundia aos colonizadores brancos impedia que penetrassem em território Xavante. Esta mesma reputação de ferocidade que serviu como proteção aos Xavante inicialmente foi usada, depois, como justificativa de expedições punitivas e massacres organizados visando a liberação de suas terras à pecuária e ao garimpo (Ravagnani, O. 1977 e Lopes Silva, 1987: Introdução)

Na década de 30, os missionários estabelecem uma base, a que chamaram Santa Terezinha, para a atração e conversão dos Xavante ao cristianismo. Tratava-se do Padre João Batista Fuchs e do Padre Pedro Sacilotti. A 24 de agosto de 1932 erguiam uma grande cruz de madeira as margens do rio das Mortes. Essa mesma cruz é quatro vezes destruída pelos Xavante que se recusam ao contato e quatro vezes reconstruída pelos salesianos. Algumas pistas da presença dos Xavante foram

encontradas e seguidas. Os padres encontraram, a 3 de abril de 1934, um acampamento de seis casas; a 17 de outubro do mesmo ano, seguem outra trilha e encontram uma aldeia de 120 casas; 20 km adiante, mais uma, desta vez com 147 casas (Durcure, J., 1936). Encontraram sempre as aldeias abandonadas. No centro de uma delas ergueram uma cruz. A essa insistências Xavante reagiram com violência: os missionários forma mortos, a 1º de novembro de 1934, ao forçarem um contato às margens do rio das Mortes. Tratava-se, pois de território de controle exclusivo dos Xavante. No ano seguinte, 1935, uma expedição punitiva foi organizada, por Bento Costa, devido ao assassinato de seu neto de 12 anos, filho de um empregado da antiga colônia Salesiana do Sagrado Coração de Tachos junto a colônia de Meruri.

Penetraram na região do rio das Mortes e chegaram a uma das aldeias, tomando os índios de surpresa, sem que pudessem defender-se, foram mortos e depois tiveram suas aldeias queimadas (Souza, L., 1953:22-25; Duroure, J. 1936:30-36). Dois anos depois deste acontecimento, em 1937 e, de novo, em 1938, duas bandeiras foram organizadas: a "Bandeira Anhaguera" e a "Bandeira Piratininga". Tanto uma quanto a outra utilziaram a mesma tática para penetrar nas aldeias Xavante: entraram dentro da aldeia, tomando os índios de surpresa e, ao serem ameaçados com bordunas e flechas, soltavam fogos de artifício ou tiros para o alto. os Xavante corriam a esconder-se na mata eles retiravam da aldeia os utensílios e armas que queriam e, em troca, depositavam seus presentes. a primeira tinha por finalidade a procura de minérios e a segunda, "... apossar-se do material que cobiçavam para enriquecer as coleções do museu do seu Estado"(Souza, L., 1953:26-27). Eram os bandeirantes paulistas retomando a ofensiva. Enquanto isso, os salesianos, na figura de Padre Chovelon davam prosseguimento as suas tentativas de pacificação e conversão dos Xavante, porém sem sucesso.

O final da década de 30 encontra os Xavante "Encurralados, sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições, as aldeias tomadas de surpresa e atacadas com armas eficientes, suas casas vasculhadas e roubadas, fazendas e povoados florescendo em suas terras". (Ravagnani, O., 1977:162-3). O cenário está pronto para a rendição.

A ofensiva dos brancos não se faz esperar: aos constantes conflitos entre os Xavante e as frentes de penetração na região, O SPI resolve designar uma frente de atração, em 1941, sob o comando de Genésio Pimentel Barbosa, antigo funcionário da instituição. Esta frente rumou para São Domingos (antiga base do Padre Chovelon às margens do rio das Mortes) e, penetrando em território Xavante, foi trucidada. Escaparam com vida dois Xerente e um Servidor da SPI que havia ido fazer reconhecimento do local e mais três Xerente e um outro funcionário que estava na mata, a uma certa distancia do acampamento. Sobre os cadáveres e no local da cozinha, que destroçaram, os Xavante deixaram um grande número de bordunas como advertência, segundo telegrama de um dos sobreviventes (transcrito por Ravagnani, O., 1977:174-5). Toda equipe estava desarmada, as armas estavam trancadas em um baú, para

Acervo ISA

evitar disparos provocados pela tensão e o descontrole, em homenagem, o posto do SPI em São Domingos passou a chamar Pimentel Barbosa.

A Expedição Roncador:- Xingu, posteriormente absorvida pela Fundação Brasil Central (ambas criadas pro determinação do governo federal em 1943) veio minar definitivamente a capacidade de resistência dos Xavante. Os objetivos da Fundação eram a conquista do sertão mato-grossense para transformá-lo em área produtiva, integrada ao capitalismo nacional. Buscava fazê-lo através da sedentarização da população nômade de colonizadores do sertão e da atração de novos habitantes. Era imprescindível, portanto, conquistar o território Xavante, o que foi feito através de uma investida que contava com amplos recursos. As aldeias eram localizadas por aviões cujos vôos rasantes apavoravam os Xavante que, em vão procuravam atingi-los com bordunas e flechas enquanto mulheres e crianças, em desespero, tentavam fugir para o mato (vide descrição de um participante, Ayres C. Cunha, que voava em avião pilotado pelo Tenente ZANONI e o Coronel Evereste. Em Ravagnani, O., 1977:177 é que encontramos estas informações).

Nesta região do rio das Mortes o contato foi, afinal estabelecido em 1946 por uma turma de atração chefiada pelo sertanista Francisco Meireles, o terceiro substituto de Pimentel Barbosa (os outros dois foram Luís Acioli Lopes e Gustavo Oto). A "pacificação" deu-se após mais de um ano do estabelecimento da equipe de Meireles em São Domingos. Colocaram presentes na mata para os índios que demoraram a começar recolhê-los e retribuí-los. O contato se deu com um grupo de mais de quatrocentos homens Xavante que precedidos por seus líderes, surgiram com flechas e pontas quebradas, símbolo de suas intenções de paz (Ravagnani 1977:179 e segs). Todo o processo de atração havia sido orientado pessoalmente pro Rondon, a testa do Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Este primeiro encontro pacífico, em 1946, começou bem mas acabou mal. Ao esgotarem-se os presentes, os Xavante começaram a fechar o cerco e, Meireles percebendo suas intenções, orientou seus auxiliares para que montassem rapidamente. Galoparam sob uma chuva de flechas, sem maiores conseqüências. Em 1947 novo contato amistoso foi mantido mas durante todo esse tempo, moradores da região ou de suas fronteiras foram atacados pelos Xavante. Em 1949 os Xavante já visitavam o Posto Pimentel Barbosa mas continuavam os ataques a São Felix e arredores. Algum tempo depois, os Xavante visitavam as casas dos moradores sertanejos, pegavam o que queriam e deixavam, em troca, arcos e flechas. Para Sylvio da Fonseca (apud Ravagnani, O., 1977:185). os Xavante, nesta altura, já não tinham muitas alternativas: "cabia-lhes ou realizar uma política de aproximação com seus vizinhos transigindo com a civilização, ou se submeter à guerra em todos os "fronts". Só assim pode se entender a atitude complacente assumida pelos Xavante para com Francisco Meireles e seus homens, bem diversa daquela que tiveram com Pimentel Barbosa". Em 1953, afinal, "os Xavante concordaram em mudar sua aldeia para um local tão próximo a São Domingos que se podia ir a pé"(Maybury-Lewis, D., 1967:5)

Mas nem todos os Xavante habitavam as margens do Rio dos Mortos

Acervo ISA

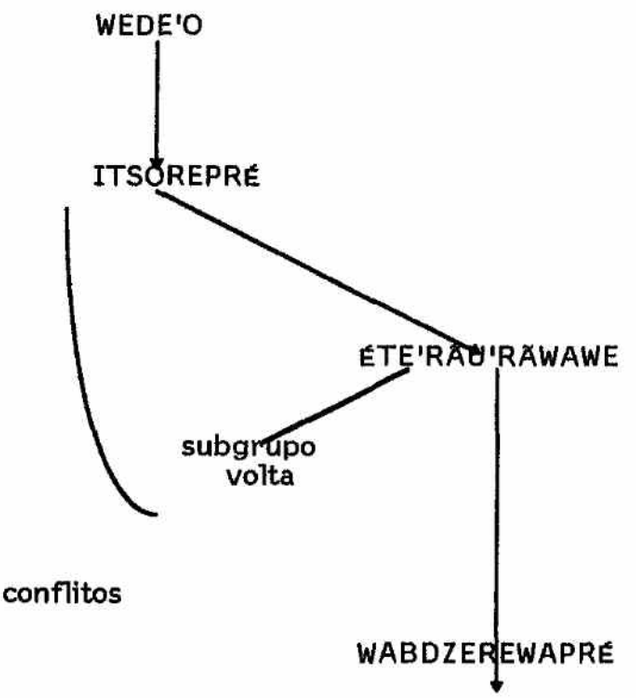
Geralmente a pacificação é narrada como fato único, acontecido de uma só vez. Na verdade, outras regiões do Mato Grosso estavam, desde a década de 30, povoadas pelos Xavante. Estes outros grupos são geralmente excluídos dos relatos "oficiais" da pacificação. Segundo depoimento de Odenir Pinto de Oliveira, testemunha ocular do 1º contato de um grupo Xavante na região do rio Piratininga, dizem os Xavante da região do rio Batovi que, quando da travessia do Araguaia, o grupo original de Xavante (na opinião de Ravagnani, um aglomerado de pequenas facções unidas momentaneamente para aumentar suas possibilidades de conquista do novo território) subdividiu-se: "um grupo permaneceu naquela região de São Domingos... um grupo seguiu direto para o rio Batovi; o terceiro grupo, que seguiu para a região do Couto Magalhães e Culuene foi posteriormente subdividido: parte foi para as missões, descendo em direção ao sul, e parte foi mais para oeste, para a região de Simões Lopes". Simões Lopes era o posto do SPI criado para assistir os Bakairi (é hoje, aliás, o P. I. Bakairi). Segundo a versão dos Xavante, diz Odenir, essa subdivisão deveu-se "a ataques de "civilizados" que saíam de Barra do Garças para ir lá matar os índios" e à " contaminação dos Xavante por meio de roupas e brindes lançados de avião em suas aldeias na região que denominam Parabubure (rio Culuene e Couto Magalhães). Diante disso, os índios se reuniram e decidiram se subdividir para, em diversas frentes entrar em contato pacífico com os brancos, buscando "aprender os costumes, a língua e, principalmente, conhecer os medicamentos que os brancos usavam para aquele tipo de doença para a qual eles não tinham defesa". Foram esses os grupos que chegaram a Sangradouro, Meruri e Simões Lopes, já na década de 50. A "pacificação dos Xavante deu-se, portanto, em três agência de contato diversas: 1º) em 1946-47 na região do rio das Mortes, por frente de atração do SPI especialmente constituída para esse fim, chefiada pro Francisco Meireles; 2º) em 1953-5 na região do rio Paratininga, em área sob jurisdição do Posto Simões Lopes, por funcionários daquele posto, especialmente por Pedro Vani de Oliveira (pai de Odenir Pinto de Oliveira); 3º) em 1955-56, dois outros grupos se estabelecem junto aos Salesianos, nas Colônias de Sangradouro e Meruri, onde viviam grupos Bororo.

As migrações Xavante: Mato Grosso 1870-1970

Com base nos trabalhos de Giaccaria e Heide (1972) e Maybury-Lewis (1984), é possível reconstruir o trajeto dos Xavante e as cisões que provocaram o surgimento de novas aldeias e a ocupação de novos territórios, durante o último século. Trata-se de uma reconstituição inicial, não definitiva, mas que se baseia em todas as fontes conhecidas no momento.

Calcula-se que a penetração dos Xavantes em território mato-grossense tenha ocorrido por voltada de 1870. Atravessando o Araguaia, o grupo liderado por Butsu concentrava-se na aldeia de Wede'ú, onde sofrem epidemias em conseqüência das quais todos os velhos vêm a falecer. Os Xavante deixam, então, essa aldeia e se mudam para de Itsõrepré, onde vivem cerca de trinta anos. As duas aldeias localizam-se na região do rio das Mortes. Ao fim desses trinta anos, por motivos

políticos, há uma cisão e parte do grupo funda nova aldeia, Etê'pau'rãwawe. Entre as duas aldeias há enfrentamentos. Os moradores do Sete de Setembro deslocam-se para o sul e passam a morar na região conhecida como Lagoa, às margens do rio Couto de Magalhães. É ali que fundam a aldeia de WABDZEREWAPRÉ.



Enquanto isso, na cisão ocorrem em Itsõrepré:

ITSÕREPRÉ

Aldeia de ARÖBOMPÓ

(região do rio das Mortes)

Em 06.01.41: extermínio da expedição do SPI chefiada por Pimentel Barbosa. Apöwe (de São Domingos) é o chefe do grupo. Em 1946, contato amistoso com Francisco Meireles e sua equipe, às margens do rio das Mortes. Permanecem na região até hoje. Sua reserva (Pimentel Barbosa) foi decretada em fins da década de 70 e seus limites foram redefinidos anos mais tarde

Acervo ISA

Aldeia de MARAIWATSEDE

(região do rio Suiá-mIssu)

Em 1º1.11.1934: extermínio dos padres salesianos Fuchs e Sacilotti (Giaccaria B. e Heide, A., 1972:29). Provavelmente no início da década de 60, suas terras são parcialmente ocupadas pro brancos, embora não tivessem contato direto em 1962 (Maybury-Lewis, D. 1967:29). Em 1966 são transferidos, em aviões da FAB em missão da qual participaram padres salesianos, para São Marcos. Desocupavam assim a Fazenda Suiá-Missu. Nunca mais recuperaram essas terras. Um subgrupo tentou retornar mas não conseguiu dado poderio na fazenda.

Um pequeno grupo ficou na região do rio Couto Magalhães, na região do Je compreendida pela reserva Xavante e Parababure. (Depoimento de Odenir Pinto de Oliveira, a partir de relatos da História oral Pelos Xavante).

Voltemos então no tempo e modifiquemos nosso rumo: vamos acompanhar os descobrimentos da comunidade que assentara em Wabdzerewapré, na região da Lagoa, no Rio Couto de Magalhães. Ficaram ali dois anos, depois dos quais mudaram para Wederede, na região do rio Couto Magalhães onde foram atacados por uma epidemia que provocou, provavelmente várias mortes (Giaccaria, B. e Heide, A., 1973:23). Dessa aldeia saiu o grupo que se situou em Rituwawe (hoje "aldeona", reconstruída na reserva Indígena de Parabubure, na regi
ao do rio Couto Magalhães). Parte desse grupo dirigiu-se depois para Wedetede na mesma região. Mais tarde ainda, outra parte dessa comunidade foi para a aldeia de Õniudu fundada, no rio Culuene, por dissidentes de Wedetede (comunicação pessoal de Mário Juruna a Aracy Lopes da Silva - São Paulo, 05.09.81. Giaccaria e Heide apresentam o que se supõe ser um detalhamento dessa informação nas páginas 24 e 25, embora com pouca clareza. É justamente entre o trecho confuso que o laudo toma como fonte inquestionável).

Quanto ao grupo assolado pela epidemia, dizem-nos os autores salesianos que vagaram algum tempo, sem aldeia fixa e acabaram por se cindir: parte do grupo volta a Wedetede (na região posteriormente ocupadas pelas fazendas Xavantina e outras), e parte distancia-se mais, em direção oeste, chegando à região do rio Culuene, onde fundam a já citada aldeia de Õniudu (ou Õniwiture, no diminutivo).

Mais tarde, nova cisão em Õniudu, em resultado da qual um grupo dirige-se a Paraburu, enquanto outro volta ao rio das Mortes, reunindo-se aos Xavante de Itsõrepré, onde procura reforços para atacar Parabubu. Dá-se o ataque pelos Xavante da outra aldeia e incendia-se Parabubu (Giaccaria e Heide 1972:24. Pode-se, a partir de sua leitura, presumir que parte da comunidade de Paraburu, depois do ataque, transfere-se temporariamente para uma nova aldeia, Parewãdza'radzé, localizada na região do rio Couto Magalhães, retrocedendo, portanto a leste).

Acervo ISA

Seguiremos, a partir deste ponto, apenas o percurso deste grupo diretamente relacionado à área a que se refere a ação.

O texto de Giaccaria e Heide (1972:24-26) é extremamente claro quando aponta os fatos que levaram os Xavante a se retirarem durante - toda a década de 50 - da aldeia de Parabubu:

"O grupo de PARABUBU ficou 4 anos aí (na zona 3 do mapa, abaixo: às margens do rio Couto de Magalhães), e, por causa de um ataque dos brancos (junho de 1951 ou 52) ajuntou-se aos de PARAWÃ DZA'RADZÉ. O ataque foi feito, ao romper da madrugada, por um pequeno grupo de brancos armados, de Piripipi, que mataram muitos Xavantes. Eis o balanço da agressão:

MORTOS: Tsiwari, homem inválido por causa de uma mordida de cobra; Ròowadze, mulher de Tsiwari; Ròòare, mãe de Tsiwari; cindo filhos Watèbremi (entre 2 e 10 anos de idade); cinco filhas Baono (entre 2 e 10 anos de idade); a irmã de Tsiwari, com a filha e uma criança.

(há uma foto de uma vítima de um ataque, e a seguir o elenco dos feridos)

Além disso, os assaltantes queimaram toda a provisão e todas as cabanas e deixaram, no centro da aldeia, uma grande quantidade de carne envenenada.

Tsiwari foi o único homem que conseguiram matar e crucificaram o seu cadáver no meio da aldeia e dispuseram todos os outros ao redor. Esse grupo, depois de um ano de permanência em Parawãdza'radzè, se transfere para a aldeia de Ète'rãurã (zona 3) junto ao Rio Pehöyrepa, onde se celebra a perfuração das orelhas (rito de iniciação à puberdade masculina) e dos Ètepa (uma das oito classes de idade da sociedade Xavante). Eles ficam quatro anos nesta aldeia (1952-56); deixam-na em abril de 56 por causa de uma epidemia contraída usando roupas que receberam dos brancos em Xavantina"(Giaccaria e Heide, 1972:25-26). Este grupo a partir de então, desloca-se para o sul, acabando por alojar-se temporariamente sob a proteção das missões salesianas, área de refúgio.

Quando, por volta de 1960, alguns Xavante começaram a retornar à região, encontraram-na quase totalmente ocupada pro fazendas. Durante sua ausência, as terras haviam sido declaradas devolutas pelo Governo do Estado do Mato Grosso e subsequentemente vendidas e proprietários particulares a quem foram outorgados títulos de propriedade. A presença dos Xavante na área exerceu pressão suficiente para que, na década de 60, o Governo do Estado cedesse uma área de 10.000 ha, que so passou para o controle efetivo e total dos índios em 1975, com a retirada de benfeitorias e gado pertencentes a um fazendeiro vizinho, o DR. Armando Conceição. Anos mais tarde, em 1972, o Ministério do Interior ampliou a área dos índios, fixando os limites da Reserva de Couto Magalhães, acrescendo 13.800 ha ao lote anterior.

Com a segurança de uma reserva demarcada (ainda que em dimensões extremamente reduzidas para as necessidades de uma comunidade Xavante), foram voltando os que se haviam refugiado em outras aldeias, notadamente nas áreas das missões salesianas.

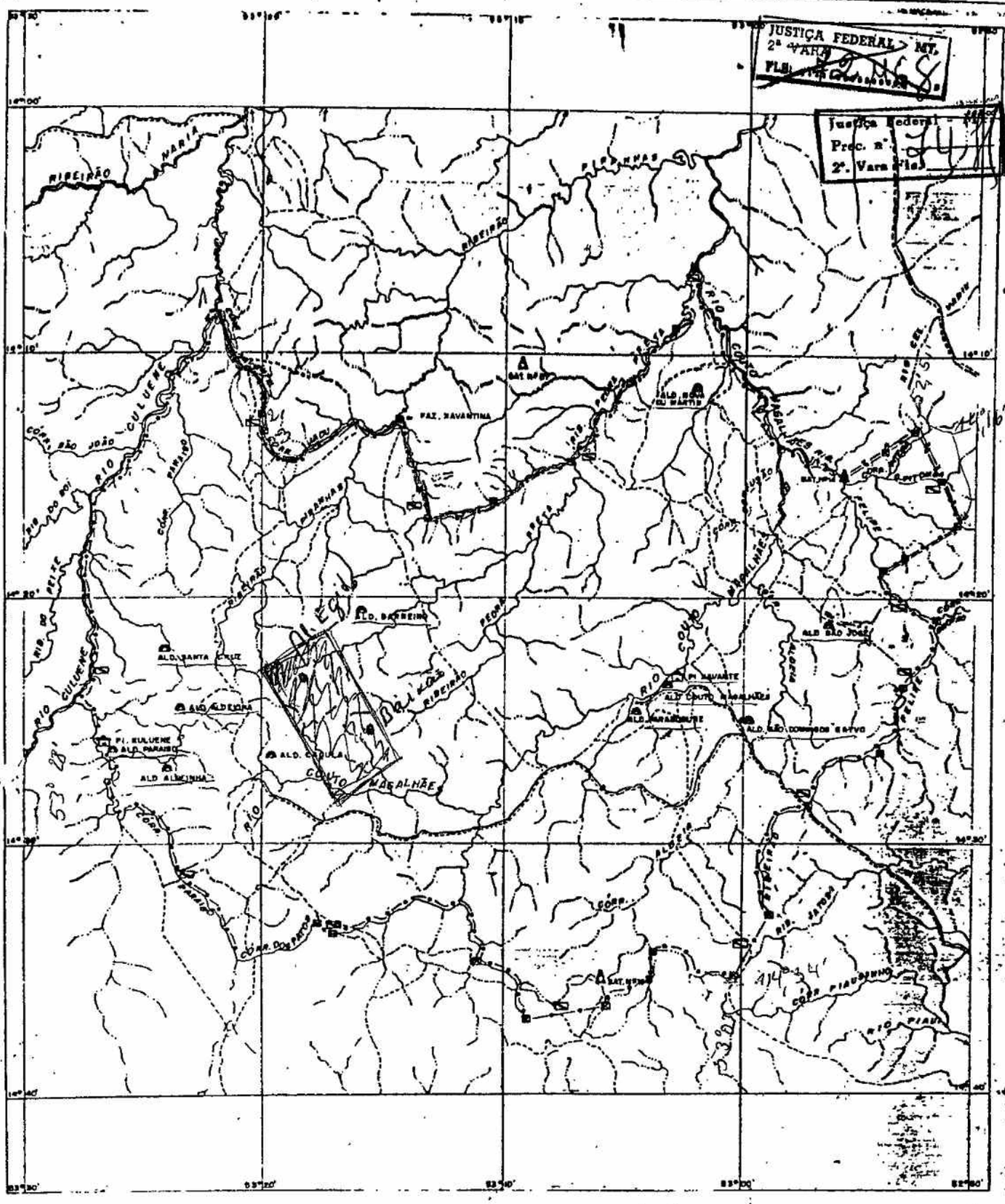
A situação nesta área caracterizou-se por extrema tensão durante cerca de 15 anos (1.965 - 1.980)A disputa pela terra toma proporções trágicas na medida em que, durante a gestão do Gal. Bandeira de Mello à testa da FUNAI (1.967 - 72)são cedidas certidões negativas aos proprietários da Fazenda Xavantina S. A. e outras relativas a uma área cerca de oito vezes maior do que a reserva e comprovadamente território Xavante tradicional. Segundo os Xavantes, há oito sítios arqueológicos de antigas aldeias Xavantes dentro da área então recuperada pelas Fazendas.

São Paulo, 4 de novembro de 1.987.

Anexo 02

JUSTIÇA FEDERAL - MT.
2ª VARA
FLS. 165

Justiça Federal
Proc. nº
2ª. Vara Fls.



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DEMARCADA
- POSTO INDÍGENA
- ALDEIA INDÍGENA
- PLACA INDICATIVA
- CAMINHO
- PONTO DE SATÉLITE
- CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- MARCO DE DIVISA
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- RODOVIA DE REVESTIMENTO SOLTO
- DIREÇÃO DE CORRENTE
- CERCA DE ARAME

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA – DPI

DENOMINAÇÃO: ÁREA INDÍGENA PARABUBURE		CARTA DE: DEMARCAÇÃO	
MUNICÍPIO: BARRA DO GARÇAS		ÁREA: 224 447,2367 ha	PERÍMETRO: 294.384 dm.
		ESCALA: 1:400.000	DATA: 20/04/83
MATO GROSSO	7ª DR	PROCESSO SEI: FUNAI/BSB/1612/81	DOCUMENTO SEI: 0097 / 0071

DESENHO	TÉC. RESPONSÁVEL	CONFERIDO	APROVADO	VISTO
MARCOS MARTINS	ALCIDES ARAÚJO PALETTI	ANTÔNIO BARBOSA DE CAMPOS CHEFE SUBSTITUTO DPI	JOÃO DOMINGUES COSTA FILHO DIRETOR DA DPI	PEDRO MOREIRA LIMA PRESIDENTE